

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE-PGCULT
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CULTURA E SOCIEDADE

JAIME SOUSA DA SILVA JÚNIOR

**FREUD, CULTURA E SOCIEDADE: O PERCURSO DO CONCEITO DE
CULTURA EM FREUD ENTRE 1913 E 1921**

SÃO LUIS

2024

JAIME SOUSA DA SILVA JÚNIOR

**FREUD, CULTURA E SOCIEDADE: O PERCURSO DO CONCEITO DE
CULTURA EM FREUD ENTRE 1913 E 1921**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

Orientador: prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

SÃO LUIS

2024

JAIME SOUSA DA SILVA JÚNIOR

**FREUD, CULTURA E SOCIEDADE: O PERCURSO DO CONCEITO DE
CULTURA EM FREUD ENTRE 1913 E 1921**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade.

APROVADA EM: //

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas (Orientador)
Doutor em Filosofia (Universidade Federal de São Carlos)

Prof. Dr. (Examinador interno)
Doutor em (Universidade)

Prof. Dr. (Examinador externo)
Doutor em ...(Universidade)

Prof. Dr. (Suplente)
Doutor em ...(Universidade)

FICHA GERADA POR MEIO DO SIGAA/BIBLIOTECA COM DADOS FORNECIDOS PELO(A)
AUTOR(A). DIRETORIA INTEGRADA DE BIBLIOTECAS/UFMA

SILVA JUNIOR, JAIME SOUSA DA.

FREUD, CULTURA E SOCIEDADE : O PERCURSO DO CONCEITO DE CULTURA EM
FREUD ENTRE 1913 E 1921 / JAIME SOUSA DA SILVA JUNIOR. - 2024.
91 F.

ORIENTADOR(A) : FLÁVIO LUIZ DE CASTRO FREITAS. DISSERTAÇÃO (MESTRADO)
- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE/CCH, UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, SAO LUIS, 2024.

1. CULTURA. 2. SOCIEDADE. 3. FREUD. 4. PSICANÁLISE.
5. . I. FREITAS, FLÁVIO LUIZ DE CASTRO. II. TÍTULO.

A Jaime Silva, meu pai (*in memorian*).
A João Batista, meu avô (*in memorian*).
Dos quais sinto saudade diariamente,
e gostaria que estivessem comigo hoje.

AGRADECIMENTOS

Primeiro Exú, o início de tudo, na figura da minha mãe de cabeça, Dona Maria Padilha, que é tudo na minha vida; que sonhou junto comigo esse sonho e me ajudou a chegar ao final. Agradeço também ao meu orixá de Cabeça, Logum Edé (loci loci, o akofá, meu pai); meu povo de frente, Dona 7 Catacumbas e Seu Tiriri; Dona Chica Baiana e Seu Manezinho de Légua. Agradeço ainda minha mãe de santo, Mãe Morgana de Ogum, que é minha melhor amiga, minha família, minha irmã, minha mãe. Meu agradecimento sincero e emocionado.

A minha família, minha mãe Maria José, minhas irmãs Criz e Stephanie, minhas sobrinhas Marjorie, Marcella, Manuela e Lara. Obrigado por me amarem e vibrarem a cada conquista minha. Vocês são meu tudo.

Fran, amiga de alguns anos, que tem me dado apoio desde o seletivo até o momento final desse mestrado, a minha indescritível gratidão por tudo.

Agradeço ao PGCult. Ao meu orientador Flávio Luiz de Castro Freitas, pela parceria, pelo auxílio profissional e pontual; agradeço ao corpo docente, que em sua maioria me fez estar a cada dia mais sedento pela temática que tanto me cativa: a cultura. Pela gentileza de todes, discussões interessantes, abraços atenciosos, obrigado!

Agradeço aos membros das bancas pelas quais passei durante esse percurso: pré-qualificação; qualificação e defesa: obrigado pelo tempo ofertado, pela implicação nesse trabalho através de suas funções e pelos caminhos apontados.

Agradeço aos colegas de turma, especialmente aos que, nesse percurso, consigo chamar de amigas: Lygia Carpe; Paula Costa. Minha admiração e carinho.

A quem me escuta, semanalmente, e me acolhe na feiura do que consigo falar, nas lágrimas, alegrias, nos avanços possíveis, Psicólogo Edson Bezerra, muito obrigado!

Aos meus pacientes. A cada palavra escutada, pelo trabalho que me faz trabalhar. Ao me ajudarem a acreditar que a psicanálise permite. Aos colegas servidores do Centro Pop Centro, aos usuários, pessoas em situação de rua, por me ensinarem que escutar o sujeito sem ser incomodado pelo mundo que o rodeia e o limita, não é escuta, mas surdez: obrigado

RESUMO

Esta pesquisa investigou a concepção de cultura nas obras de Freud, especificamente "Totem e Tabu" (1913) e "A Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921). O objetivo do trabalho foi traçar o percurso do conceito de cultura no pensamento freudiano, destacando a interação com os conceitos fundamentais da psicanálise. O sujeito moderno se define e se reencontra através da cultura e da experiência analítica, revelando a incompletude da própria história e a impossibilidade de um sentido único. Nesse sentido, a pesquisa busca responder duas questões principais: em que consiste o percurso do conceito de cultura para Freud entre 1913 e 1921, e como esse conceito se movimenta entre essas obras. Metodologicamente, configura-se por uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, baseando-se em materiais publicados e enfocando fenômenos sociais sem mensuração numérica. Os resultados indicam que cultura e sociedade são moldadas pelas pulsões de vida (Eros) e de morte (Tânatos), com a sociedade emergindo como uma construção reguladora dos desejos e impulsos humanos, sustentada por tabus, leis e instituições. "Totem e Tabu" e "A Psicologia das Massas e Análise do Eu" são obras inter-relacionadas que abordam a formação e a dinâmica da cultura e da sociedade.

Palavras-chave: Cultura. Sociedade. Freud. Psicanálise.

ABSTRACT

This research investigated the conception of culture in Freud's works, specifically "Totem and Taboo" (1913) and "The Psychology of the Masses and Analysis of the Self" (1921). The objective of the work was to trace the trajectory of the concept of culture in Freudian thought, highlighting the interaction with the fundamental concepts of psychoanalysis. The modern subject defines and finds himself through culture and analytical experience, revealing the incompleteness of history itself and the impossibility of a single meaning. In this sense, the research seeks to answer two main questions: what is the path of the concept of culture for Freud between 1913 and 1921, and how this concept moves between these works. Methodologically, it consists of a bibliographical research with a qualitative approach, based on published materials and focusing on social characteristics without numerical measurement. The results indicate that culture and society are shaped by the drives of life (Eros) and death (Thanatos), with society emerging as a regulatory construction of human desires and impulses, supported by taboos, laws and institutions. "Totem and Taboo" and "The Psychology of the Masses and Analysis of the Self" are interrelated works that address the formation and dynamics of culture and society.

Keywords: Culture. Society. Freud. **Psychoanalysis.**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA.....	21
2.1 A TEORIA FREUDIANA ATÉ 1913: FUNDAÇÃO DA PSICANÁLISE, PRIMEIRA TÓPICA, O SEXUAL INFANTIL.....	27
2.2 TOTEM E TABU: APRESENTAÇÃO DA OBRA.....	37
3. A TEORIA FREUDIANA ATÉ 1921.....	61
3.1 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU: APRESENTAÇÃO DA OBRA	66
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	73
5. À GUISA DE CONCLUSÃO: O QUE SERIA, ENTÃO, CULTURA E SOCIEDADE NUMA PERSPECTIVA FREUDIANA DATADA NA SUA OBRA DE 1913 A 1921?	90
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetivou discutir cultura a partir de Freud, em suas duas obras: *Totem e tabu* (1913), e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). O foco do trabalho foi o percurso da cultura na obra freudiana, em constante relação com os conceitos fundamentais da psicanálise em si e em diálogo com a filosofia.

Construir pesquisa em psicanálise consiste sempre em apresentar um traçado que nunca está completo. A psicanálise nunca pretendeu ser um sistema fechado, e os conceitos freudianos parecem estar, até hoje, em constante movimento. Não é à toa que, mesmo na época em que Freud esteve vivo, após isso, e até nos tempos atuais, criaram-se os mais variados tipos de psicanálises. Desde os seus discípulos, herdeiros póstumos, leitores, filósofos e estudiosos das ciências humanas diretamente influenciados, pesquisadores de temas que felizmente ganham visibilidade atualmente (raça, gênero, classe).

Por isso, também e principalmente, reafirmamos a coerência em buscar o conceito de cultura em Freud, para buscarmos o que há de ainda aberto nesse postulado; como pensar um mundo que é construído de cultura, e transversalizado pelas modulações da identidade, sofrimento humano num contexto neoliberal e de crise, e pensando as diversidades e diferenças. Ou seja, nossa proposta também passa por uma tentativa de abrir questões junto ao mundo que nos rodeia e nos constrói hoje.

Diante dessa impossibilidade de engessamento do que acreditamos ser o conceito de cultura, levantamos a hipótese de que este possui relevantes contribuições tanto ao estudo da teoria psicanalítica, ao estudo das filosofias da psicanálise e aos estudos culturais. Admitindo a inviabilidade de um inconsciente sem suas noções de aparelho e funcionamento mental, propomos o presente trabalho como fruto de uma pesquisa no sentido de realizar uma leitura implicada e revitalizada da psicanálise no século XXI como fundamental para a contemporaneidade. Isso, é claro, dentro de seus limites e possibilidades.

O tema deste trabalho e a vontade de aprofundá-lo numa pesquisa de mestrado surgiu do interesse sempre presente na Psicanálise, mesmo quando este pesquisador que aqui escreve estudava outras áreas de conhecimento. Vindo da Psicologia sempre se interessou por temas “sociais”, e em estudar as

relações humanas, que até então eram entendidas por mim como dotadas de um caráter dialógico, intersubjetivo. Durante pesquisa de conclusão de curso “*Foucault e as raízes do racismo: os cabelos das pessoas negras diante dos recortes do biopoder*” defendida em 2018 acabei me interessando pelos temas do indivíduo, sujeito, cultura e política na história da filosofia, o que motivou a busca por aprofundar os modos de constituição da cultura em Freud.

Assim, reflexões e questionamentos traçaram o caminho desta pesquisa, desde a sua origem até a produção deste trabalho, entre estes o porquê da dificuldade de pensar uma psicanálise tradicional que tenha uma implicação política e social, com as questões que norteiam a sociedade, como o racismo, o machismo, as questões de gênero e da vida como um todo? Tal questionamento instiga o desejo em aprofundar os estudos sobre as contribuições de Freud ao conceito de cultura, um desejo cada vez mais latente nesses tempos necropolíticos agudizado com as consequências da pandemia da covid 19 que estamos *atravessando* hoje, mesmo após quatro anos dessa catástrofe mundial. Pensamos, assim, que a psicanálise precisa *(re)*afirmar sua vocação originária de enfrentamento das questões que se colocam para a subjetividade em cada contexto histórico-cultural, através da invenção renovada de dispositivos pragmáticos e teóricos.

Sendo assim, consideramos o presente trabalho como um passo importante nessa direção. A nosso ver, a Psicanálise pode pensar *com* a filosofia essa travessia e vice-versa. Ponto este ratificado pelo fato de a teorização freudiana, construída a partir de uma proposta de prática clínica chamada psicanálise, nascer tendo como método a associação livre, e como objetivo inicial tornar consciente o que está inconsciente (ainda que esse objetivo tenha mudado radicalmente na história da psicanálise ainda na obra freudiana).

Disserta uma teoria sistemática do aparelho psíquico, baseada na teoria dos reflexos do organismo. Sempre buscando uma explicação científica e biológica, Freud sempre desembocava em construções psicológicas. Ou seja: descrevia os processos mentais de forma representativa, mas o caráter científico de sua obra se confirmava apenas nas evidências dos casos clínicos. Freud fracassou ao fundar uma ciência psicanalítica, mas nesse fracasso permitiu que

surgisse um discurso, uma clínica e uma teoria da cultura humana. É esta teoria que nos interessa.

Acreditamos que a psicanálise surge em um momento muito importante da história do pensamento ocidental, que é a ascensão do positivismo, a noção de que uma ciência precisa de uma rígida delimitação para ser considerada tal, e também assemelhar seus métodos de trabalho aos métodos das ciências exatas e naturais. Freud foi um positivista, ou pelo menos tentou arduamente trabalhar como tal. Percebemos que o que Freud levou muito a sério em sua forma de trabalhar, foi a fidelidade ao que encontrava como material de trabalho. Freud era fiel aos achados de suas pesquisas, mesmo quando aquilo não o agradava ou mesmo o levava a mais caminhos cansativos e demandantes de atenção e mais trabalho.

É interessante observar como Freud, em toda a sua descoberta, estava sempre se debatendo com o fato de que a sua teoria era uma teoria representativa, ou seja, uma tentativa de interpretação do mundo. Morreu com a esperança de que um dia achassem fundamentos fisiológicos para a sua psicologia profunda. De fato, parece que encontraram algo bem mais significativo do que isso, ou quem sabe a mesma coisa de uma forma diferente: a inseparabilidade entre sujeito e cultura. Essa inseparabilidade muito nos interessa no presente trabalho.

Bem, a filosofia não se confunde com a psicanálise em suas práticas (coloca-se fora daqui a questão da filosofia clínica, que não nos interessa). A filosofia busca o colocar de questionamentos e a proposição de conceitos que sirvam como ferramentas para discutir tais questões. A psicanálise funciona em torno da clínica e no debruçar-se sobre a criatura humana em sua instância de desconhecimento, ou seja, necessariamente a partir do pressuposto de que há um inconsciente que sobredetermina a vida daquela criatura. A psicanálise pode tornar-se um causador de produção de conhecimento filosófico, e é considerando essa possibilidade que propomos o presente trabalho.

Pensando a subjetividade no (des)encontro entre a filosofia e a psicanálise, ou melhor, propondo uma leitura filosófica desta; pensamos ainda diante da impossibilidade de separar sujeito e cultura. Por isso buscamos cartografar as descobertas freudianas sobre a cultura, levando em conta que essa

cultura é sempre posta diante de um sujeito que é dividido (já que há inconsciente), que não pode ser definido e recortado por completo (e isso é uma descoberta tanto da psicanálise quanto da filosofia, especialmente a partir do século XX. Está posta, então, a questão da cultura para Freud até 1921.

A noção única de ser humano que é construída nos séculos anteriores e que desemboca no sujeito moderno como detentor de uma essência, passível de reconhecimento e identidade é colocado torna-se frágil pela psicanálise em sua noção de aparelho psíquico (já que tal teoria defende que existem partes da mente que não estão ao alcance da razão consciente). A noção de alteridade conflituosa que a psicanálise traz, no que tange ao desejo, que sempre será ótica sob a qual a criatura humana se dirige em suas relações; e quantos outros há em si; se ao mesmo tempo é fruto da cultura.

Essa alteridade subvertida, esse algo não disponível na subjetividade que sempre manda suas mensagens de forma distorcida, não está ao acesso positivo. O desafio que a psicanálise coloca à filosofia é pensar esse sentido que se dá sempre e, necessariamente, em uma trama com o não-sentido. Isso possui destinos na forma que temos de ver as coisas na vida, na forma através da qual se escuta na clínica e como se produz um texto filosófico. A ausência desse sentido aponta para a produção humana presente na cultura, as formas que criamos para lidar com as respostas que a natureza não nos dá. As relações familiares, diria Freud, e que busca destrinchar em caráter originário na obra *Totem e tabu* (1913).

Para além do inconsciente como uma profundidade, a realidade do sujeito do conhecimento é subvertida, este não é mais senhor em sua própria casa. Tentamos dar razão a vida, mas ela é sobretudo se haver com as coisas que a gente não escolheu. Uma alteridade em si, é como se houvesse um outro ali.

Pensar uma consciência conhecedora, aqui, parte não da simples capacidade cognoscível, mas da própria dinâmica desejosa de cada um. A ideia aqui não é a de uma paralisação diante das impossibilidades encontradas na divisão desse aparelho, em sua instância de desconhecimento, mas trabalhar nas brechas da impossibilidade, para ver o que pode sair dali. Tal qual o próprio Freud fez durante toda a sua obra. O que constantemente percebemos na leitura

cuidadosa de seus textos, é um Freud que fracassa o tempo todo, mas buscava outros movimentos dentro do próprio trabalho que possibilitavam avanços. É fazer o que é possível.

E nesse possível, se encontra essa criatura humana, entre o equilíbrio buscado na vida social e nos próprios desejos, e as marcas que vão sendo deixadas tanto no corpo quanto no mundo. Falar de sujeito para a filosofia da psicanálise, é falar desse sujeito que não é compartimentado entre corpo e mente, ao mesmo tempo possui instâncias em si que são desconhecidas, e que se movimenta num universo cultural que o marca e no qual faz marca. Falar disso é falar de humanidade por excelência. A psicanálise torna o debate sobre a subjetividade mais completo ao afirmar que existe algo mais radical do que a busca pelo equilíbrio ou sentido da vida. O sujeito fica mais distante de uma possível definição, tal qual podem tentar as teorias da personalidade ou da identidade.

Em seu ponto de vista econômico, transpassa a pura biologia para propor uma ontologia presente nas rachaduras entre o somático e o psíquico. O próprio conceito de pulsão, como nos é conhecido, se trata disso: uma energia que corre no *entre*. Não é psicológico e nem biológico. Não é mental e não é físico, embora se presentifique nesses dois lugares em um constante movimento de abertura e fechamento. O que torna possível o tanger da pulsão na vida em sua versão mais radical, é a palavra. A palavra é a luva que usamos para tocar as nuances da vida de cada um. O equilíbrio aqui pode ser apenas passageiro e ilusório. A humanidade está sempre se equilibrando entre prazer e desprazer, e também na impossibilidade de dividir tudo o que vivemos nesses dois extremos. Viver é sempre estar ultrapassando os limites e o equilíbrio. Essa palavra, que é via de regra, cultura, é o que nos interessa neste trabalho.

A psicanálise testemunha contra a visão de que há um equilíbrio possível, mas há algo na subjetividade que escapa à representação, é algo portanto que abre portas para o novo. Como eu consigo me haver com meu próprio desejo? Não há uma medida ideal, ou caminho por excelência. Cada um vai precisar lidar com isso do seu jeito.

O sujeito moderno está geralmente num movimento definido, numa totalidade. O sujeito se encontra consigo mesmo a partir de uma experiência com

a cultura, a partir da qual se conta. Por outro lado, na experiência analítica a criatura humana se reencontra e reelabora a sua própria história. Alguns pensam que o papel da psicanálise é tornar esse sujeito algo coerente, mas sempre haverá algo que escapa às explicações racionais. A experiência analítica empreende necessariamente um descentramento, uma *desentificação*. A maior parte de cada um de nós é desconhecida. Não caímos, portanto, em uma irracionalidade, mas em um constante dar-se conta de que o texto das nossas vidas não é completo. É impossível termos um sentido único. Estamos então na busca por uma recolocação do lugar do sujeito racional segundo a psicanálise.

A partir, então, dessas inquietações suscitadas, surge a pergunta norteadora nesta pesquisa, a saber: em que consiste o percurso do conceito de cultura para Freud de 1913 a 1921? ainda na busca de aprofundarmos o entendimento à temática proposta outra questão nuclear busca compreender: como se dá a movimentação desse conceito entre essas duas importantes obras freudianas?

A fim de responder as perguntas que norteiam nossa pesquisa traçamos como objetivo principal nos debruçar na caracterização, na comparação e no mapeamento da estrutura argumentativa das seguintes obras: *Totem e tabu* (1913) (capítulo 2); *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921).

Isso envolve, entre outras posturas, a de apontar a localização temporal em seus devidos contextos e *zeigeists*; o horizonte teórico externo as obras que influenciaram; e sua posição dentro da obra freudiana, cuja espinha dorsal é a teoria de um funcionamento psíquico sobredeterminado pelo inconsciente que foi dividido num processo de defesa do Eu de um trauma sexual.

Para tanto, nos localizamos de forma temporal da obra *Totem e tabu* (1913): sob a égide da primeira tópica freudiana (lançada em 1900 com *Interpretação dos sonhos*), teoria esquemática do aparelho psíquico, oposição entre pulsões sexuais e de autoconservação; *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), logo após a publicação de *Mais além do princípio do prazer* (1920), que apresenta a segunda tópica freudiana, a descoberta de que a maior parte do Eu é inconsciente, com o novo dualismo pulsional e o conceito de pulsão de morte.

É pertinente demarcar que a construção do trabalho foi possível a partir da noção de inconsciente para Freud, já que este é o fundador da psicanálise e que há uma característica fundamental aqui. Diferente de outras noções de inconsciente que existiram antes ou até contemporâneas ao trabalho freudiano, o conceito de inconsciente na psicanálise sustenta uma teoria robusta e bem concatenada, que parte de um substancial experiência clínica e que influenciou toda a produção de conhecimento ocidental após. Desse modo, foi imprescindível relacionar o inconsciente com Freud e a psicanálise, bem como em alguns momentos trazer o percurso de construção da teoria psicanalítica. Uma vez que, falar de psicanálise é, necessariamente, falar de inconsciente, como bem explica.

Dito, isto é relevante mencionar, aqui, ainda nessa parte introdutória da pesquisa, que para pensar a fundação da psicanálise, Freud, médico estava interessado nas neuroses e histerias, doenças com sintomas físicos sem explicação médica ou biológica. Deu fiança ao relato das doentes para tentar descobrir o que causava aqueles sintomas. Com o método da hipnose utilizado por Charcot, Freud deu-se conta de que havia uma segunda consciência, onde existiam perturbações na vida dessas pessoas que estas não sabiam. A partir da catarse, essas cenas desprazerosas vinham à tona e a consciência normal tomava conhecimento desses fatos. Assim, chegou à conclusão de que havia uma divisão da consciência sendo uma a dita consciência normal; e a outra, uma consciência não disponível.

Ao avançar no trabalho clínico, percebe que a hipnose é um método eficaz para denotar a divisão da consciência, mas não abria caminhos para a cura dessas doenças. O método catártico, usado por Freud em seus primeiros anos, parecia funcionar, mas logo notou-se que os sintomas poderiam voltar, ou que novos sintomas poderiam surgir. Diante da complexidade do funcionamento de formação dos sintomas, de traumas inacessíveis, de forças que os mantém assim, Freud (1900/1991) sistematiza a dinâmica do funcionamento mental em um conjunto de esquemas chamado de aparelho psíquico.

Esse aparelho psíquico representava um funcionamento mental que: possuía um inconsciente cujos conteúdos tentavam vir à tona; o sonho, bem como o sintoma e outros elementos eram formações desse inconsciente, e o ponto de proximidade mais próximo que podemos chegar desse; existe uma

censura que impede os conteúdos inconscientes de se tornarem conscientes, por isso os sonhos e sintomas terem ligações quase ilegíveis com esses; a função da análise seria a recuperação do conteúdo perdido do discurso presente na contação do sonho (ou do sintoma); o método de trabalho da psicanálise é a associação livre, através do qual os detalhes aparentemente insignificantes podem revelar relações essenciais nas cadeias de representações que apontem para conteúdos inconscientes cuja revelação pode curar o paciente; formado por instâncias, descreve uma ordem na qual as excitações as percorrem, a saber: de uma extremidade sensória que recebe os estímulos para uma extremidade motora que descarrega os mesmos; ao receber essa energia, esta passa pelo aparelho deixando traços de memória que não são possíveis para o sistema perceptivo; esses traços se relacionam entre si.

Sobre esse sistema, Freud (1900/1991, p. 529) escreveu: “La idea que presentamos es la de una localidad psíquica. Dejemos de lado que el aparato psíquico en esta cuestión lo conocemos también como una preparación anatómica y evitemos caer en la tentación de determinar anatómicamente la ubicación psíquica”. Logo, o esquema do aparelho psíquico apresentado em *A Interpretação dos sonhos* não é uma descrição anatômica, mas um esquema das relações entre sistemas e forças psíquicas que se movimentam nos processos da mente humana. É basicamente uma representação.

Posta essa teoria do aparelho psíquico freudiana, pretendemos abordar suas mudanças fundamentais:

- os primeiros desenvolvimentos dessa teoria no que tange ao aparelho psíquico, à sexualidade infantil, princípio do prazer e realidade, processos primário e secundário, para então abordar o texto *Totem e tabu*, de 1913;

- A metapsicologia freudiana que se desenvolve desde então e vai ganhando corpo até chegarmos na segunda tópica freudiana e em seguida desembocarmos no texto *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1921;

Quanto ao delineamento metodológico deste trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2017) se caracteriza por investigações baseadas em materiais já publicados, como livros, teses e dissertações, artigos científicos, entre outros. Nesse sentido, para discutirmos as teorias freudianas nos aproximamos em leitura e estudo dos seguintes filósofos

da psicanálise: Renato Mezan, Luiz Roberto Mozani, Ana Carolina Soria, Eric Smadja, entre outros.

Achamos necessário sempre localizar teoricamente Freud enquanto trabalhamos nesses três eixos, pois acreditamos que há um engodo em chamar esses textos de “sociais”. Pensamos assim, porque todo texto de Freud possui essa característica, visto que o inconsciente é social; e também achamos válido afirmar veementemente que tais textos possuem importantes contribuições não apenas para as ciências sociais, mas sobretudo para a psicanálise enquanto prática.

No tocante à abordagem escolhemos a qualitativa que conforme Gil (2008) enfoca aos fenômenos sociais sem buscar quantificá-los ou mensurar dados numéricos. Portanto, este trabalho se alicerça nos conhecimentos culturais e filosóficos envolvidos com a construção do sujeito desde Freud e suas formas de interpretação em contextos e tempos diversificados.

Enfatizamos ainda que o trabalho acadêmico é alvo de exigências que estão em conformidade com o rigor universitário, templo do saber cartesiano. Abre-se uma questão: como escrever sobre Psicanálise em um trabalho universitário, local onde não se formam analistas, e não se faz análise? Como escrever sobre uma teoria advinda de uma práxis que subverte o sujeito da razão cartesiano?

Para Freud não há distinções entre o sujeito psicológico e o sujeito do conhecimento. Conhecimento e interesse são atividades que se sobrepõem, o que o leva a procurar compreender como as funções do julgamento podem ser estruturadas a partir das dinâmicas pulsionais. E, se há uma similaridade entre o pulsional e as estruturas do julgamento é porque o psicológico constitui o lógico. O que isso quer dizer? Dizemos que, ao escrever em Psicanálise, é impossível não estar incluído. Portanto, um trabalho de filosofia da psicanálise busca a explicação dos conceitos psicanalíticos sem se desvencilhar dessas implicações. Na presente pesquisa, o desejo dos pesquisadores, estudante e orientador, contam na escolha do objeto e no trabalho.

Por fim, demarcamos que a estrutura deste trabalho se divide além da parte introdutória e conclusiva em três seções. A primeira intitula-se “Uma breve apresentação de cultura”, na qual descrevemos conceitos diversos sobre este

elemento central do trabalho que se conceitua, a partir de muitos teóricos, como uma das terminologias mais multifacetadas. Ainda nessa seção, outras subseções são dispostas: “A teoria freudiana até 1913: fundação da psicanálise, primeira tópica, o sexual infantil”, onde discorreremos os passos incipientes da psicanálise, evidenciando o foco do teórico principal deste trabalho, Freud. Finalizando, temos a subseção “Totem e Tabu: apresentação da obra”, momento no qual dispomos de forma mais detalhada o pensamento de Freud a partir de suas teorias na obra.

Na segunda seção, “A teoria Freudiana até 1921”, descrevemos as proposições deste teórico nesse espaço temporal, evidenciando transformações precípuas, especialmente, sobre cultura. Seguindo nesta seção, temos a “Psicologia das massas e análise do eu: apresentação da obra”, como subseção para melhor explicitarmos a temática proposta.

E, por fim, na terceira seção, a “Análise e discussão dos resultados”, debatemos o tema central entrelaçando as duas obras: “Totem e Tabu” e “Psicologia das massas”, desvelando percepções a partir de Freud.

2 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA

Discutir cultura exige reconhecer a variedade conceitual que esse termo, amplamente debatido, assume nas diferentes sociedades. Segundo Hall (2011), a cultura não deve ser vista como uma viagem de redescoberta, mas como um processo de produção; ou seja, o próprio percurso dessa viagem constitui a formação da cultura. Este autor destaca que a cultura não é uma questão de ser, mas de se tornar.

Nas concepções iniciais sobre cultura, Williams (2007) a descrevia com um enfoque nas atividades agrárias, relacionadas ao cultivo. Eagleton (2011) reforça esse pensamento, identificando uma de suas raízes no latim "colere," que significa coletar, também em um contexto ligado à natureza. Ambos os autores explicam que o termo cultura passou por uma transformação a partir do século XVIII, com a ascensão da industrialização na Europa, quando os hábitos urbanos começaram a prevalecer sobre os rurais.

Desse modo, o conceito, antes associado à natureza, começou a se aproximar da ideia de civilização, sendo frequentemente usado como sinônimo. Conforme Williams (2007), essa mudança ocorreu durante as transformações da sociedade europeia no século XVIII, quando os novos hábitos de uma sociedade urbana, centrada na economia de maquinários, trouxeram a perspectiva de cultura como civilidade. Entretanto, a nova formação social industrial trouxe condições de trabalho precárias para os operários, resultando em frequentes

adoecimentos e no desenvolvimento de doenças como câncer, varíola e tuberculose.

Alemanha e França, com suas indústrias poderosas no século XVIII, exemplificavam a nova associação do conceito de cultura com economias robustas e crescimento urbano, impulsionado por novos métodos de produção e pela introdução de maquinário nas cidades. Contudo, essas transformações também trouxeram diversos problemas sociais, o que levou a uma nova evolução do termo "cultura", conforme discutido por Williams (2007).

Na Europa emergente e poderosa, era inconcebível que os trabalhadores, atores essenciais do sistema capitalista, pudessem comprometer essa imagem devido a doenças causadas pela constante exposição ao maquinário. Este cenário vinculava o conceito de civilização e cultura a enfermidades - câncer, tuberculose e varíola -, como mencionado anteriormente. Segundo Williams (2007), essa situação criou uma tensão significativa que começou a separar os conceitos de civilização e cultura.

Eagleton (2011) também destaca essa tensão, observando que a cultura passou por mais uma transformação, distanciando-se da ideia de civilização. A burguesia europeia da época desprezava a associação entre precariedade sanitária e sua cultura. Este autor argumenta que a cultura começou a ser vista pelas produções intelectuais da época como uma tentativa de apagar a visão de uma civilidade cultural adoentada pelos modos de produção capitalista. Nesse contexto, a França destacou-se pelas suas produções artísticas, literárias e outras formas de expressão cultural. Sobre essa questão, Williams (2007) acrescenta que:

A complexidade do conceito de "cultura" é, portanto, notável. Tornou-se um nome do processo "íntimo", especializado em suas supostas agências de "vida intelectual" e nas "artes". Tornou-se também um nome de processo geral, especializado em suas supostas configurações de "modos de vida totais". Teve um papel crucial em definições de "artes" e "humanidades", a partir do primeiro sentido. Desempenhou papel igualmente importante nas definições das "Ciências Humanas" e "Ciências Sociais", no segundo sentido. Cada tendência se inclina a negar o uso do conceito à outra, apesar de muitas tentativas de reconciliação (Williams, 2007, p. 23).

Na virada do século XVIII para o XIX, a França passou a entender a cultura sob novas concepções, abrangendo arte, literatura, ciência, filosofia, música e todas as atividades intelectuais, conforme aponta Eagleton (2011). É crucial lembrar que a cultura não pode ser analisada sob um único ângulo, pois seu conceito é essencialmente plural.

Almeida (2014) destaca essa pluralidade ao identificar diferentes dimensões da cultura: a antropológica, que se refere aos modos e hábitos de vida; a sociológica, relacionada ao comportamento de grupos em sociedades; a patrimonial, que se volta aos elementos materiais e imateriais das organizações sociais; e a econômica, que vê a cultura como um recurso lucrativo dentro de uma concepção capitalista.

Muitos autores contemporâneos concordam que a cultura está intrinsecamente ligada às artes, literatura e outras formas de expressão. Geertz (2015) amplia esse conceito ao definir a cultura como “teias de significados nas quais os homens se agarram”. Esses significados podem ser encontrados em elementos com traços de ancestralidade, músicas que valorizam regiões, modos de vestir e objetos distintos, exemplificando o sentido antropológico da cultura.

Geertz (2015) observa que muitos conceitos científicos tentam encaixar a cultura em definições restritas, mas ele argumenta que a cultura, em seu sentido mais amplo, é um complexo de significações que é relativo e variável. Em sua análise, ele usa a “piscada” como exemplo, mostrando que piscar os olhos pode ser um código comunicativo para alguns grupos, enquanto para outros pode ser considerado uma ofensa, ilustrando a relatividade dos significados culturais.

Sendo assim é correto dizer que cultura é um conjunto complexo de significados? Para este autor, cultura pode ser entendida como um processo de formulação de explicações, em uma dimensão muito mais complexa do que simples definições (Geertz, 2015).

Eagleton (2011) compara simbolicamente humanos e tigres, considerando os humanos mais destrutivos devido à falta de sensibilidade, chegando a matar a própria espécie. Ele propõe que natureza e cultura se complementam, em vez de se oporem, pois não nascemos culturais, apenas nascemos. O nascimento é o ciclo natural da reprodução humana, enquanto a

cultura se estabelece por necessidade, tornando-se essencial para a sobrevivência humana.

Imaginemos, por exemplo, um bebê recém-nascido sozinho em uma floresta. Para sobreviver, ele precisaria de alimento e outras necessidades, e o ambiente onde ele se encontra determinará sua cultura. Essa ideia se aproxima das proposições de White e Dillingham (2009), quando sugerem que a cultura está conectada à natureza, tornando a vida segura e sustentável para a espécie humana, influenciada por fenômenos de difusão ou isolamento.

Por exemplo, uma pessoa indígena que vive em comunidades isoladas possui especificidades imunológicas que, se expostas a outros grupos, poderiam levá-lo à morte. Assim, sua natureza está interligada à cultura a que pertence, garantindo sua segurança no isolamento, conforme destacado pelas supracitadas autoras.

Refletimos então, que pensar sobre a definição de cultura é um empreendimento que pode ser muito frutífero, e ao mesmo tempo difícil. Principalmente pelo fato da diversidade de contextos em que tal palavra é utilizada. Podemos falar da cultura dos povos antigos, dos aborígenes australianos ou dos nativos americanos. Ou então falar da cultura nacional, do bumba-meu-boi maranhense, do terecô de Codó, ou do carimbó paraense. Podemos ainda, falar que determinado sujeito é um homem de cultura, pois é muito inteligente e conhece muitos livros e autores. E também podemos falar de cultura do estupro, de racismo e de cultura do consumo.

O que há em comum em todos esses exemplos? Acreditamos que possa ser o seguinte: em todos esses, a palavra 'cultura' se refere a um modo de existência ou modo de vida de uma pessoa ou um grupo de pessoas, no que diz respeito aos hábitos mais simples como habitação, alimentação, danças e festas, ou de modos de estabelecimento de conceitos estruturais que se transmitem nas relações sociais há séculos, e cujo caminho de engendramento não pode ser descrito facilmente. Falar de cultura, portanto, tem a ver com a forma variada e diversa que a criatura humana achou de viver sobre a terra e construir humanidades.

A palavra cultura, do latim homônimo, e tem sua origem na agricultura, relacionado ao ato de cuidar, de cultivar ou tratar, como visto antes. A cultura

seria um conglomerado que inclui o saber, as formas de religião, artes, conjunto de leis, costumes que o ser humano aprende e reproduz a partir de sua pertença a uma sociedade. Consiste em estruturas de ordem simbólica que são passadas entre gerações, que se reproduzem em símbolos, na linguagem, portadores dos meios de vida.

Humanidade e cultura andam sempre juntos. Sobre isso, Eagleton (2011) fala que cultura é referente a um movimento humano, no que diz respeito ao nosso viver no mundo que nos rodeia. Não somos tão desenvolvidos fisicamente quanto os animais, não temos asas, barbatanas, super presas ou um tamanho ameaçador. A cultura define a forma que lidamos com os espaços em branco que a natureza nos deixou.

Cultura significa cultivo um cuidar que é ativo, daquilo que cresce naturalmente. O termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. É uma noção realista no sentido epistemológico, já que implica a existência de uma natureza ou matéria-prima além de nós, mas tem também uma dimensão construtivista, já que essa matéria-prima precisa ser elaborada numa forma humanamente significativa. Assim, trata-se menos de uma questão de desconstruir a oposição entre cultura e natureza do que reconhecer que o é que o termo cultura já é uma tal desconstrução (Eagleton, 2011, p. 201).

Eagleton (2011) vai dizer que a ideia de Cultura é, sobretudo, anular a concepção de que tudo na nossa vida possui uma explicação na natureza, e também nega a ideia de que o espírito humano independe da natureza. Seria então o admitir a limitação da natureza e sua parcela de contribuição na construção da cultura. Por outro lado, podemos propor uma ideia de cultura que retira a natureza do lugar de causa principal do que compreende humano e ao mesmo tempo retira o ser humano desse lugar central de criador da cultura. Afinal é uma criação arbitrária mas não proposital da criatura humana. "o homem físico é necessário para que a cultura exista, mas não para explicar as variações dela" (*Ibid.*, p. 35).

O homem, mesmo sendo um animal, tem a capacidade de criar significado a partir de um mundo que é natural. A partir da reflexão humana, uma floresta nunca será apenas uma floresta, mas pode ser uma morada de antepassados ou de ancestrais ou uma área de preservação ambiental, entre outros. O sol nunca será apenas um sol, mas representa um dia bonito, um bom

momento para se bronzear, ir à praia, pôr as roupas para secar. Atribui significado onde, em essência, não existe nada é uma capacidade inerente a criatura humana. "Não há relação intrínseca ou necessária entre o objeto, de um lado e os sons com os quais os o designamos, de outro" (White, 2009, p. 11).

A linguagem é um composto fundamental da cultura, pois é a criação humana primordial e, necessariamente, a primeira, pois nos permite tanger o mundo ao nosso redor, nomeando as coisas. Incluir no nosso mundo o caótico e intangível do natural através da cultura.

White (2009), quando explica esse fenômeno, o chama de simbologização ou o ato de simbologizar. Ou seja a capacidade de atribuir significado de forma arbitrária. Por que arbitrária? Porque não há nada nos objetos e elementos do mundo que indique um nome. Não há nada no cachorro que indica que o nome dele deveria ser cachorro, ou *dog*. Nada natural em si que indica nomeação, assim como não há nada natural que indica a necessidade de uma pessoa de levar a outra ao cinema, ou um jantar porque tem interesse sexual nela. A criatura humana circula em torno do natural entalhando cultura.

Não há um ponto de virada histórico evolutivo ou factual que aponta para o divisor de águas entre natureza e cultura. Em que momento o ser humano se torna capaz de produzir cultura? Em que momento se tornou capaz de produzir significado? São perguntas sem respostas.

A transição para simbologização foi gradual ou repentina? Somos obrigados a dizer que foi repentino não há grau de simbolização um organismo ou é capaz de simbologizar ou não é não há estágio intermediário entre não simbologização e a simbologização (White, 2009, p. 18).

Falar de homem é falar de Cultura. A cultura produz um homem enquanto ser de linguagem e composto de linguagem, desde o seu corpo, seu inconsciente, suas roupas seus pertencem, suas relações sociais. Tudo é cultura, tudo é linguagem "O papel da cultura é tornar a vida segura e duradoura para a espécie humana" (White, 2009, p. 29).

A cultura se trata principalmente de uma forma de lidar com um buraco na completude que outros seres vivos não tem. Os animais e plantas vivem e realizam suas formas de vida a partir de um conjunto de relações com o meio que é instintual e biológico. Esse conjunto de relações garante sua sobrevivência e interpretação como espécie. O cachorro procura sua fêmea em certos períodos

não porque a ama, nem porque prefere aquela fêmea por causa da cor do seu pelo, formato das pernas. O faz porque existe determinado odor que se torna discriminativo para o ato de cópula entre esses animais. É, sobretudo, um mecanismo instintual que foi selecionado por um processo evolutivo cego, pois permite a sobrevivência da espécie.

Já uma pessoa humana procura outra para manter relações sexuais não de uma forma automática, mas porque se apaixonou, ou porque aquela pessoa faz uma lasanha deliciosa, ou porque o cabelo da pessoa é muito bonito, Isso pode possuir uma base instintual, mas é coberto, sobretudo, com os entalhes culturais que fazemos arbitrariamente, porém inconscientemente. Nem mesmo o sexo heteronormativo é natural: afinal de contas, um macaco não leva sua fêmea para jantar em um restaurante tão pouco para ir para sua casa.

2.1A TEORIA FREUDIANA ATÉ 1913: FUNDAÇÃO DA PSICANÁLISE, PRIMEIRA TÓPICA, O SEXUAL INFANTIL

Há pouco, na introdução, falamos um pouco sobre o caminho a ser seguido no presente trabalho, que respeita o desenlace cronológico da obra freudiana. Longe de querermos fazer um compêndio exageradamente catalogado, fizemos essa escolha porque acreditamos que seria mais coerente dar contexto aos conceitos que aparecem em alguma das três obras centrais.

Portanto, trazemos essa discussão com os textos a partir e com os textos que Freud escreveu antes, durante e até mesmo depois. Não deixa de ser uma tentativa de torcer uma metodologia que seria normal. Acreditamos, no final das contas, que seguir essa espinha dorsal do tempo foi uma escolha por um caminho, dentre tantos, mas que tentamos tensionar durante todo o trabalho.

Sobre isso, Mezan (2019), quando discute sobre a periodização da obra freudiana, coloca as dificuldades em tal empreendimento, e acreditamos que seja difícil pela própria impossibilidade de um entendimento definitivo sobre tal coisa. Esta possui vários pontos teóricos fortes dentro de um plano no qual toda perspectiva muda um pouco quando se aborda determinado conceito, visado temporal, conjunto de obras específico ou mesmo a partir de qual teóricos você está lendo.

Como fruto de um novo mundo que estava nascendo, a psicanálise é uma disciplina que tenta abordar a complexidade de uma criatura humana em seus funcionamentos de vida envolta em um mundo que é, necessariamente, marcado por esse funcionamento. Talvez por isso tal teoria se apresenta tão complexa quanto o seu problema e quanto o seu objeto de “contemplação”: o inconsciente em sua indissociabilidade com a cultura. Nesse contexto, existe um movimento de tensionamento entre uma organização sistemática da teoria freudiana e as possibilidades-além que se apresentam dentro dos seus conceitos e ideias, que não são e nem podem ser estáticos.

A periodização da obra freudiana é sempre questão delicada. Por um lado, ela se refaz sem cessar; os mesmos problemas são retomados a partir de diferentes perspectivas, o progresso da reflexão faz surgir novas questões, que, sem se reduzir por completo às anteriores, tampouco são de todo inéditas, encontrando-se em germe em textos que precedem, por vezes, de duas ou três décadas sua eclosão. Por outro lado, a cada momento, a psicanálise apresenta uma face sistemática, permitindo apresentações de conjunto que, embora sempre um passo atrás em relação às ideias que fermentam no espírito de Freud, são capazes de retratar com fidelidade o estado das interrogações e das respostas no campo próprio dessa disciplina (Mezan, 2019, p. 293).

A obra inaugural da psicanálise, *Interpretação dos sonhos* (1900/1991) aponta para esse caráter fundamental da escrita de Freud, na qual há um movimento singular entre os conceitos. Freud se debruça sobre os sonhos como objeto de investigação clínica, e consegue, a partir daí, traçar um aporte teórico robusto do funcionamento mental. Destacamos aqui a importância de ressaltar que tal texto traz uma representação topográfica deste funcionamento. Freud se arrisca em postular um aparelho mental pautado numa descrição esquemática e representativa, o que figura como a fundação de uma nova teoria: a psicanálise.

Do que se trata esse aparelho psíquico que Freud apresenta em *A interpretação dos sonhos*? Basicamente é ponderado em instancias ou sistemas. Em uma das pontas há um sistema que recebe os estímulos. Esse, portanto, é o sistema sensorial. O outro extremo composto por um sistema que é responsável por descarregar a energia recebida pelo primeiro. Existe um sistema no meio

responsável pela função da memória, pois recebe marcas feitas pelas percepções recebidas no primeiro sistema.

Esse sistema presente na extremidade motora é responsável pelas respostas igualmente motoras que aparecem em nossas vidas conscientes, em nossos comportamentos e formas de lidar com as pessoas e o mundo ao nosso redor. Sendo que há um processo de barreira, que limita o que vem à consciência. Conteúdos que possam causar sofrimento, que possam incentivar sensações e comportamentos incompatíveis com a sociedade ao redor, são recalcados e mandados para uma área inconsciente. É importante aqui ressaltar esta descoberta freudiana: existem desejos inconscientes que são incompatíveis com a ordem social e moral, e para evitar desprazer à consciência do indivíduo, esses desejos são mantidos recalcados no inconsciente.

Nessa direção, Freud (1900/1991) expressa que essas condições,

[...] Podem naturalmente coincidir e, de fato, coincidem. Esse é o caso quando um trauma eficaz em si sobrevém num estado de afeto grave, paralisante, ou de consciência alterada; mas também parece ocorrer que em muitas pessoas o trauma psíquico provoca um daqueles estados anormais, o qual, por sua vez, impossibilita a reação (Freud, 1893/1895, p. 22).

No cerne de compreender a consciência humana, Freud destacou ainda:

[...] Os traumas psíquicos não resolvidos por meio de reação também não o possam ser por elaboração associativa. No primeiro grupo é o propósito do doente que quer esquecer as vivências penosas e as exclui da associação tanto quanto possível; no segundo grupo este processamento associativo fracassa porque não existe abundante vínculo associativo entre o estado de consciência normal e os patológicos, em que surgiram essas ideias. Logo teremos ocasião de examinar mais detidamente essa questão (Freud, 1900/1991, p. 22).

Freud (1900/1991) explica que ao comunicar as condições que, segundo nossa experiência, são decisivas para o desenvolvimento de fenômenos histéricos a partir de traumas psíquicos, já tivemos que abordar estados anormais da consciência em que surgem essas ideias patogênicas. Exemplo disso são as lembranças do trauma psíquico ativo que não se encontra na memória normal do paciente, mas sim na memória do estado hipnótico. Quanto mais estudava esses

fenômenos, mais era convencido de que a cisão da consciência, evidente em casos clássicos como a "double conscience," está presente de forma rudimentar em toda histeria.

Sobre a questão, Freud (1900/1991) explica que a aquisição de uma histeria, é indispensável uma condição psíquica específica: a exclusão intencional de uma ideia da consciência e de sua elaboração associativa. Essa repressão intencional causa a conversão da soma de excitação, seja total ou parcial. Como a soma de excitação não pode ser integrada na associação psíquica, ela encontra mais facilmente um caminho incorreto para uma inervação corporal. O motivo da repressão é uma sensação de desconforto, devido à incompatibilidade da ideia reprimida com a massa de ideias dominante no Eu. No entanto, a ideia reprimida se vinga ao tornar-se patogênica.

Todo esse processo é regulado pelo que Freud chamou de *Princípio do prazer*. Este é o processo regulador do aparelho psíquico. Sendo sua principal função descarregar energia, e deixar o organismo equilibrado energeticamente; a abundância de energia é sentida como desconfortosa, e a descarga de energia é sentida como prazerosa. É teorizado também, por Freud, o princípio da realidade, que impede que o organismo sucumba na alucinação, e que se renda aos prazeres proibidos buscados pelo princípio do prazer. O princípio de realidade adia a satisfação buscada, propõe mudanças nas metas e objetos que possam permitir certo prazer dentro das regras da sociedade e que não venham oferecer perigo ao organismo. O princípio da realidade, como seu próprio nome diz, é uma forma de viver na realidade sem sucumbir a um prazer total que seja nocivo, mas que possa buscar outros caminhos, através do social.

Sob este aspecto é pertinente mencionar que em “cinco lições de psicanálise, Freud (1895) dispõe uma ótica geral de suas teorias e abordagens terapêuticas, introduzindo conceitos essenciais, tais como, o inconsciente, a interpretação dos sonhos, a repressão, e os mecanismos de defesa. Freud utiliza exemplos de sua prática clínica para ilustrar como esses conceitos se aplicam na terapia e como eles podem ajudar a explicar o comportamento humano.

Todas estas, já debatidas até aqui, a saber: a primeira lição, o histórico e evolução – sintomas histéricos, onde traça a história do desenvolvimento da psicanálise, começando com seu trabalho inicial com Josef Breuer sobre o caso

de Anna O. Ele explica como a "talking cure" (cura pela fala) levou à descoberta do inconsciente.

As proposições de Freud na segunda lição, apresentam a teoria do inconsciente, detalha a estrutura da mente, dividindo-a em consciente, pré-consciente e inconsciente. Ele argumenta que muitos comportamentos e sintomas são influenciados por desejos e memórias reprimidos no inconsciente.

Interrelacionado às demais lições, a terceira traz a teoria de que os sonhos são a "via régia" para o inconsciente, contendo tanto o conteúdo manifesto (o que é lembrado do sonho) quanto o conteúdo latente (os desejos inconscientes). Seguida da quarta lição na qual Freud explora as técnicas de psicanálise, como a associação livre, e como estas são usadas para trazer à consciência material reprimido.

Por fim, a última das *Cinco Lições de Psicanálise* revisita os conceitos principais da Psicanálise trabalhados até então. Discute a aplicabilidade da psicanálise além dos casos de histeria, incluindo neurose obsessiva e fobias. Isso inclui a sexualidade infantil, bem como, o relacionamento com o complexo de Édipo. Que segundo explica Freud, as pessoas podem adoecer se estão privadas de se satisfazerem quanto às suas necessidades.

Um dos elementos inclusos na repressão é o intento, fugindo da realidade enquanto regrid a psique inconscientemente a níveis interiores. Nesse caminho, a regressão pode ser temporal, pois a libido se fixa aos estados evolutivos mais antigos. E formal, já que se vale dos meios psíquicos primitivos e originários a fim de manifestar essa necessidade.

E, assim, a explicação que Freud dá ao princípio do prazer, e o princípio da realidade (Freud, 1911/1991), nos aponta como podemos avançar um pouco mais na teoria do psiquismo. Significa ir não só trazermos os seus sistemas, mas a relação dinâmica entre cada um deles e especialmente o sistema ICS: o inconsciente.

Avaliemos então o princípio do prazer/desprazer e o princípio da realidade. Freud (1900/1991, 1911/1991, 1905/1991) diz que o princípio do prazer é próprio dos processos inconscientes, chamados por ele de processos primários. Já afirmamos anteriormente que, diante da marca deixada pela experiência de satisfação, o que acontece é a alucinação. É preciso que haja uma confirmação

de realidade, senão o investimento continuará sobre a alucinação do objeto de satisfação o qual deixou apenas uma marca. Não há equivalência entre o que é percebido e o que é desejado.

Certificamos então que o princípio da realidade é introduzido por Freud (1911/1991) como um indicador de sobrevivência, pois é responsável pelo teste de realidade. Aproxima-se dos processos conscientes, a saber, o pensamento, pois é nessa instância que há a possibilidade de se suportar o desprazer, que significa abrir mão da busca incessante pelo prazer para manter a segurança do funcionamento psíquico.

Podemos então avançar trazendo o que Freud (1905/1991), tenta explicar do que se trata essa ânsia por satisfação gerada por esse estímulo endógeno, a partir do seu representante: a pulsão. Sendo esse estímulo endógeno diferente do estímulo ambiental, que vem de fora do corpo, a pulsão é uma formulação de liame entre o psíquico e o físico (1905/1991). Os animais funcionam diante de estímulos ambientais a partir de um instinto, e o que move o sujeito são as pulsões, representantes desses estímulos endógenos. A libido seria a pulsão sexual, sendo considerada por Freud de natureza masculina, independentemente de ser homem ou mulher o seu “portador”.

Ponto este que nos faz digressar a 1905, quando em “três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud (1905), dispõe sobre as perversões - na medida em que são associadas à excitação e à obtenção do prazer de modo generalizado. Na obra, Freud diz que, ao mesmo tempo que são concebidas independentemente de um objeto sexual pré-determinado – estas não se relacionam apenas à síntese perversa, mas a toda a sexualidade humana. Isto é evidenciado desde o início. As perversões, ou seja, as tendências perversas fariam parte constitutiva da sexualidade infantil.

A partir dessa perspectiva Freud (1905) mesmo defendendo a participação dos fatores disposicionais, finda por relativizá-los, posicionando-os na dependência da experiência vivida. Menciona assim, a perversão sadomasoquista associada, num instante inicial numa espécie “autonomização hipertrofiada” de determinadas características da pulsão, estabelecendo uma equivalência entre o par de elementos opostos nela presente e as formas ativas e passivas da sexualidade.

Em se tratando da gênese de tal perversão, Freud levanta a hipótese de que o seu componente agressivo adviria de antigos “apetites canibais” e que a contribuição do “aparelho de dominação”, se colocava a serviço de “outra grande necessidade”, que se pode interpretar como sendo relativa à autoconservação.

Não convencido ainda com as duas hipóteses anteriores, Freud (1905) passou a explicar a presença de elementos sadomasoquistas opostos por meio de uma disposição à bissexualidade, onde os traços masculinos e femininos da pulsão coexistiriam no mesmo indivíduo. Embora o conceito de narcisismo não seja mencionado, já é possível perceber, nesse segundo ensaio, uma discussão sobre a formação do sujeito psíquico a partir de uma característica essencial da sexualidade infantil: o autoerotismo, que seria amplamente discutido posteriormente.

Freud (1905) utiliza como modelo prototípico da sexualidade infantil o ato de sucção do bebê para derivar suas três características, sem mencionar explicitamente o conceito de apoio (a relação entre sexualidade e autoconservação). Ele apresenta uma definição da pulsão que inclui alvo, objeto e fonte (zona erógena), mas não o impulso.

Outra observação é que, embora a versão da obra de 1905 não mencione diretamente o apoio na definição da sexualidade infantil, ele já está implícito, referindo-se à sexualidade oral e anal (relacionada à função de excreção). Freud esclarece que, associado à função alimentar, desenvolve-se um processo sexual no qual o objeto se torna fonte de satisfação e prazer infantis. O prazer advém do atrito entre a boca do bebê e o mamilo, ou pelo fluxo do leite, o que se torna uma fonte de excitação. Quando o mamilo é substituído pelo dedo, o caráter sexual do ato de sucção se torna evidente, independentemente de sua função biológica.

Para que isso ocorra, é importante separar a “necessidade de repetir a satisfação sexual” da “necessidade de nutrição”. Isso sugere que, embora Freud (1905/1987) enfatize a ausência de objeto sexual como característica da sexualidade infantil, o ato de sucção do bebê indica que o autoerotismo não é originário, pois depende da separação das funções auto conservativas da necessidade de reproduzir o prazer obtido inicialmente na relação com o seio

materno. Esse seio deve ser abandonado a partir da representação da mãe como objeto total, fazendo com que a sexualidade infantil se torne, então, autoerótica.

Para compreender plenamente o conceito de autoerotismo, é essencial examinar se estas representam uma sexualidade sem objeto exterior, mas com um objeto fantasmático, ou sem qualquer objeto. Mesmo se considerarmos a existência de um objeto fantasmático, devemos investigar sua origem: ele se situa na relação de alteridade ou provém de uma herança fantasmática primária? Qual seria o problema de conceber o autoerotismo sem objeto? Se o autoerotismo não incorpora nenhuma fantasia, não pode haver uma relação de simbolização entre os processos auto conservativos e sexuais.

Nesse caso, observamos apenas uma substituição de objetos de um processo pelo outro. No segundo ensaio desta citada obra de Freud, ele faz uma referência indireta à tese de apoio ao discutir a ideia de co-excitação, que está associada a determinadas emoções dolorosas (angústia, medo, pavor) ou até mesmo a sensações dolorosas. Essa referência, em nossa opinião, dá novos contornos à relação de simbolização entre autoconservação e sexualidade.

A interessante menção à co-excitação provocada por sensações dolorosas pressupõe, por um lado, a dualidade dor-prazer e, por outro, sugere que essa excitação resulta da violação de limites, inclusive corporais, infligida pelo outro. As teses de apoio que podem ser derivadas daqui escapam do registro puramente endógeno, propondo uma nova interpretação dos fatos da sedução.

Essa abordagem é explorada por Laplanche (1993), que vê o funcionamento auto conservativo como um suporte para a intervenção do outro, capaz de "abalar" o organismo em qualquer nível, especialmente no plano do revestimento corporal. Segundo este autor, a sequência apresentada nos "Três ensaios" (dor-excitação-prazer preliminar) fornece uma chave central para entender as diferentes formas de perversão masoquista, que ele considera uma exacerbação e fixação de uma dimensão importante da sexualidade humana desde sua origem (*Ibid.*, p.171).

No terceiro ensaio, Freud (1905/1987) observa que certas características tendem a desaparecer, o que ele atribui às mudanças introduzidas com a chegada da puberdade. A sexualidade adulta seria, então, o resultado de um desenvolvimento das pulsões: inicialmente dispersa em várias zonas

erógenas, isolada em suas pulsões parciais e predominantemente autoerótica (sem objeto) na infância, a sexualidade passa por uma nova organização durante a puberdade.

Essa reorganização é caracterizada pela hierarquização e subordinação das diversas zonas erógenas à genital, com o objetivo de obter o máximo prazer, mas principalmente de servir à função reprodutiva. Isso se torna possível através da combinação das diversas pulsões parciais em uma unidade. Dessa forma, o objetivo reprodutivo é apresentado como essencial para que a vida sexual infantil atinja sua constituição normal definitiva.

Nesse contexto, a sexualidade plenamente desenvolvida está associada a uma meta externa a si mesma - a procriação. Parece haver, uma ruptura entre a orientação dos primeiros dois ensaios e o terceiro, na medida em que, no último, diferentemente dos anteriores, a sexualidade é associada a um certo finalismo organicista, enquanto também se observa um retorno às concepções clássicas de normatividade, Ponto este compartilhado também por Laplanche (1993).

Logo no início do terceiro ensaio, ao sintetizar suas ideias sobre a evolução da libido que levaria "a vida sexual infantil à sua forma definitiva e normal", Freud (1905/1987) destaca uma lacuna entre o segundo e o terceiro ensaio. No segundo ensaio, a sexualidade infantil é descrita com características próprias, enquanto no terceiro ensaio, essa tendência se interrompe temporariamente quando Freud apresenta suas teses sobre o reencontro do objeto.

Para ele, em a: "A descoberta do objeto", o desenvolvimento psíquico observado na puberdade "permite à sexualidade encontrar o objeto, para o que havia sido preparado desde a infância" (Freud, 1905/1987, p. 164).

Freud está, na verdade, preparando o terreno para a hipótese de que a escolha do objeto na vida adulta (desde a adolescência) segue, de certa forma, os traços deixados pela relação primária mãe-filho. Ele sugere que o primeiro objeto sexual da criança é o seio da mãe: "Numa época em que a satisfação sexual estava ligada à absorção de alimentos, a pulsão encontrara seu objeto fora do corpo da criança, na sucção do seio da mãe" (Freud, 1987, p. 164).

Esse objeto seria abandonado quando a mãe é representada como um objeto total, fazendo com que a sexualidade infantil se torne verdadeiramente autoerótica: "Este objeto foi perdido posteriormente, bem na época, talvez, em que a criança se tornou capaz de formar a representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe traz satisfação" (Freud, 1905/1987, p. 164-165).

A relação de objeto seria restabelecida após o período de latência, seguindo o protótipo da relação inicial com o seio da mãe. Assim, o autoerotismo associado à sexualidade infantil deixa de ser considerado um estado originário, sugerindo que a pulsão se constitui a partir da "vida de relação". Freud aborda ainda a redescoberta do objeto sexual: "Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe tenha se tornado o protótipo de toda relação amorosa. Encontrar o objeto sexual significa, em suma, reencontrá-lo" (Freud, 1905/1987, p. 165). Esse reencontro ocorre na transformação do seio, enquanto objeto parcial perdido, em um seio fantasmático.

Sobre isso, Freud (1905/1987) afirma que existem zonas erógenas que estão diretamente relacionadas a essas pulsões. Porém, o seu objeto é sempre parcial, ou seja, sempre variável. A mãe, ou aquela que faz a maternagem, acaricia, toca, beija, o corpo do bebê, que vai se tornando um corpo erógeno. A cada cuidado, vai deixando marcas às quais serão reinvestidas pelas pulsões. O que vivemos e passamos na nossa mais tenra infância deixa as suas marcas, as quais serão investidas e reinvestidas, fazendo da época infantil um momento crucial e com profundas consequências para a vida de cada um, de uma forma geral. Por isso Freud (1905/1987) diz que todo desejo é infantil, e todo sonho é, necessariamente, a expressão de um desejo infantil.

Podemos afirmar que as pulsões não convergem para um objetivo genital. Ou seja, a pulsão sexual, na infância, não busca um fim genital. Apoiam-se em funções biológicas, para posteriormente erogenizar partes do corpo, a partir do cuidado que o *outro* concede em satisfação de suas demandas. Sobre isso, consideramos importante trazer o que Freud diz:

El tracto del niño con la persona que lo cuida es para él una fuente continua de excitación y de satisfacción sexuales a partir de las zonas erógenas, y tanto más por el hecho de que esa persona – por regla general, la madre – dirige sobre el niño sentimientos que brotan de su vida sexual, lo acaricia, lo besa y lo

mece, y claramente lo toma como substituto de um objeto sexual de pleno derecho (Freud, 1905/1987, p.203.)

Dessa forma, o caminho percorrido na constituição do sujeito segundo a teorização de Freud segue a partir sempre do outro. Inicia quando o outro acode a criatura em seu estado de completo desamparo; continua quando, fundado em sua ausência constitucional, essa criatura segue enlaçado por esse outro. E esse outro, ao cuidar dessa criatura, erogeniza seu corpo, fazendo as marcas que serão determinantes na sua concepção do seu próprio corpo, do mundo que o rodeia e os outros. Essa constituição do eu com e a partir do outro é, necessariamente, sexual. Eis as características que Freud elege como sendo das pulsões sexuais infantis: sua origem no apoio dado por funções biológicas, o fato de serem autoeróticas (dirigidas ao próprio corpo), e a primazia das zonas erógenas como fonte de prazer (Freud, 1905/1991).

É importante destacarmos que, justamente porque na obra de Freud, consta em vários trechos que a culminância do desenvolvimento sexual é o genital. Esse centro seria basicamente os órgãos sexuais predestinados anatomicamente, usados para fins reprodutivos e de obtenção de prazer. No entanto, ao mesmo tempo Freud (1905/1991) afirma durante toda a obra *Três ensaios da teoria sexual* como, mesmo no funcionamento de adultos, doentes mentais ou dito normais, há o retorno de nuances sexuais características de desenvolvimento pré-genital. Comportamentos que pertenceriam à disposições perversas, homossexualidade, entre outros, são encontrados em membros da classe dita normal da população. Sustentamos que, além de ser uma contribuição importante da psicanálise na desconstrução da dicotomia normal-patológico, mostra como o genital acaba não sendo o fim harmônico de todo o desenvolvimento sexual.

As fases do desenvolvimento psicosexual descritas por Freud em seus três ensaios são as seguintes: Uma primeira fase chamada de fase oral do desenvolvimento, que contém os primeiros caminhos de relação do bebê com o mundo que o rodeia. Nesse momento, é tudo muito inicial, e não há uma diferenciação entre o que é o seu corpo e o corpo da mãe. Freud (1905/1991) exemplifica com o chuchar, uma estimulação ligada a objetos, partes do próprio corpo, e o seio da mãe acaba se tornando ali nessa fase o objeto por excelência.

Já a fase anal se trata, geralmente, da retenção das fezes, para que a sua saída proporcione uma estimulação mais forte do esfíncter anal e assim, prazer. Naquele modelo arcaico de psiquismo, as fezes são vistas pelo bebê como um presente a ser dado a alguém, ou um objeto mediador numa relação com a mãe, ou o ser que faz a maternagem. Já se reconhece uma relação com um outro, ainda que de forma inicial.

2.2 TOTEM E TABU: APRESENTAÇÃO DA OBRA

A obra de Freud intitulada *Totem e tabu* foi publicada em 1913, depois de ter saído em outros formatos e com suas partes separadas. O seu subtítulo, *Algumas concordâncias entre a vida anímica dos selvagens e dos neuróticos*, fala muito sobre sua ambição, que é trazer uma equivalência ou comparação entre a vida psíquica individual e a vida coletiva. Sendo mais específico, *Freud tentava apontar para a relação entre o que ele chamava de povos primitivos e os neuróticos que eram parte de seus objetos de estudo e trabalho*. Olhando para a constituição neurótica como uma falha na resolução dos conflitos inconscientes, haveria uma analogia a ser traçada entre estes e os povos primitivos, que de alguma forma pararam em uma linha evolutiva civilizatória.’

Apesar dos vários textos e momentos teóricos anteriores em que Freud vai tocar no seu interesse em antropologia e reflexões sobre cultura e civilização, *Totem e tabu* é a primeira contribuição significativa que este faz à antropologia social. O tabu é conhecido atualmente por ainda encontrar-se em formas “puras” ou aproximadas nas sociedades que conhecemos. Ainda assim, Freud deixa explícito que o texto traz o lampejo teórico definitivo da psicanálise sobre o totem (Freud, 1913/1991, p. 8). Nessa direção Mezan (2019) dispõe:

[...] Enquanto até a “Gradiva” os estudos sobre aquela se haviam mostrado discretos e prudentes, procurando estabelecer paralelos entre determinadas produções artísticas ou literárias e as proposições da psicanálise, a partir de então eles passarão a ser mais ousados, investindo domínios tão diferentes quanto a psicobiografia (“Leonardo”), a religião (“Atos obsessivos e práticas religiosas”), a história da arte (“O Moisés de Michelangelo”), ou a literatura (“o tema dos três cofrezinhos”). Trata-se de algo mais profundo do que uma mera ampliação do território ao qual a psicanálise pretende aportar novas luzes: a questão consiste

agora em elucidar as origens e o fundamento de toda manifestação cultural possível, debruçando-se sobre o nascimento das “grandes instituições” do direito, da moral, da religião e da arte (Mezan, 2019, p. 258).

Escolhidos os povos nativos da Austrália como objeto do estudo, com todas as suas características ditas primitivas e atrasadas, Freud (1913/1991) descobre que há uma característica nesses grupos que chama a atenção: evitam com todo cuidado e austeridade relações incestuosas, e que isso é um organizador central naquele grupo.

Percebemos, então, que a obra *Totem e tabu* marca um empreendimento de Freud em colocar a psicanálise como uma teoria capaz de analisar a grande questão do homem na cultura e na sua própria humanidade: o homem no social, nas instituições, na religião. Se coloca no papel de discutir, em sua teoria do inconsciente, como a cultura é construída em suas mais variadas e necessárias instituições, e a importância de um lugar protagonista nessas discussões, junto às ciências naturais, mas também às ciências humanas e sociais.

Nesse sentido, a psicanálise não se opõe à sociologia, nem antropologia, nem ciência política: mas se arrisca a discutir uma psicanálise que entra nesses campos, analisa seus postulados, prova, refuta e propõe novos pontos de vista. Assim, coloca-se mais uma vez como uma disciplina que vive sempre no liame.

Colocada a questão fundamental: os ditos povos primitivos seriam uma boa amostra sob a qual poderíamos nos debruçar para entender o funcionamento mental dos homens, em termos de neurose e normalidade? E em que aspectos a psicologia das neuroses contribuiria para entendermos os povos primitivos? Parte-se aqui do pressuposto de que existe uma linha evolutiva no mundo, na qual determinados grupos ou sociedades já chegaram no ápice do desenvolvimento sócio-cultural, e outras ainda se encontram em etapas atrasadas ou intermediárias de desenvolvimento. Chamamos a isso de Antropologia evolucionista, na qual James Frazer, o antropólogo lido por Freud na presente obra, é um dos maiores expoentes (Frazer, 2014).

Ainda segundo a obra, aqui em discussão, Freud então apresenta o seu conceito de *totemismo*. Este seria o substituto das instituições sociais e

religiosas, ou o seu formato mais primordial e originador. Mas afinal, o que é o totem? Com base nas teorias expostas pelo autor, pode ser em geral um animal, planta ou força da natureza; um ancestral de todo o grupo, que envia mensagens e tem uma relação de proteção com seus filhos.

Discutindo essa questão, Monzani (2011) explica que essa ideia surge a partir de uma proposição de Freud ao relatar uma rebelião entre machos que não possuíam fêmeas e a figura paterna e tirana que as possuíam em absoluto. Assim, a horda patriarcal doa espaço a uma irmandade de filhos que mataram o pai, e o repartiram com as mulheres. Desse modo, para manter a ordem social agora estabelecida, evitando, portanto, uma nova formação tirânica, acorda-se que nenhum entre os irmãos será o pai ou uma figura de poder entre o grupo fraternal, elegendo assim, um totem, um símbolo de memória do arquipai.

Nessa perspectiva, sendo um ancestral comum a todos os membros do clã, estes se tratam como irmãos e irmãs; as crianças são consideradas filhos e filhas de todos os adultos, portanto, não é concebível que nenhum membro tenha relações sexuais com ninguém do mesmo clã. Ainda assim, Freud destaca que “la prohibición totémica incluye el incesto real como um caso especial” (1913/1991). Existem festas anuais nas quais os membros do clã se vestem como o totem e imitam seus gestos. Este pode ser herdado numa linha materna ou paterna. Não está ligado a um local. A estes, há obrigações totêmicas, principalmente as de não o matar, não comer sua carne, e as de não contrair relação sexual ou casamento com pessoas do mesmo clã. Ou seja, a obrigatoriedade da *exogamia*.

Um detalhe importante na caracterização do totemismo: *Não há nenhuma explicação psicológica para a proibição da endogamia e para sua ligação com o totemismo*. Destarte, o descumprir dessa regra desperta movimentos quase obrigatórios por parte dos membros do clã no sentido de punir severamente os transgressores de tão importante ser esta regra. Freud (1913/1991) explica que é como se todos estivessem com pressa em extirpá-los do meio do clã, livrando-o de um grande mal.

Há algo importante no que diz respeito à constatação de que as relações estabelecidas no clã, que dão base para as suas noções de parentesco, é que estas não se referem às relações entre os indivíduos, mas sim as relações entre o indivíduo e o grupo. Isso é o que explica o fato de que a exogamia exclui

não apenas mãe, pai e irmãs, mas qualquer outra pessoa que faça parte do mesmo clã. Os vínculos sociais estão para além dos consanguíneos, segundo expressa Freud (1913/1991).

Fazer parte de um clã totêmico significa estar sob diversos encargos sociais, e seu peso é inclusive maior do que o peso do parentesco sanguíneo. Uma dessas obrigações que atrai profundo interesse do psicanalista, é a de não contrair casamento entre membros do mesmo clã, ou qualquer tipo de relação sexual. É essencial marcar aqui a realidade de que: *não há vestígio da introdução da endogamia obrigatória no totemismo, ou de em qual momento começou, ou a partir de que se constituiu*, ponto este compartilhado por Monzani (2011).

Tanto que existe uma rigorosidade na punição de quem comete a exogamia, da mesma forma que há algum tipo de ofensa ou morte do animal totêmico. Nesses casos, todo o grupo se mobiliza de forma a punir e mitigar os danos causados pela transgressão, sob pena de que grande mal possa vir sobre todos. Reafirmando o colocado anteriormente, essa transgressão não se limita a mãe e irmã, mas a todas as mulheres de seu clã. “A primeira vista no se advierte el justificativo psicológico de esta limitación enorme, que va mucho más allá de todo cuanto los pueblos civilizados conocen em este aspecto” (Freud, 1913/1991, p. 15).

O mistério da ausência de explicação sobre a ligação entre totemismo e exogamia continua no fato de que o horror ao incesto se baseia no parentesco totêmico, que é bem mais amplo do que o sanguíneo. O incesto propriamente dito, entre pessoas da mesma família, também é condenado de forma especial, mas não apenas este. Existem relações entre cada pessoa e todo o grupo. Se for um filho, é filho de todos os homens do clã; se for uma mulher, é irmã de todas as mulheres de sua geração. É uma organização social entre uma pessoa e todo o grupo, chama-se matrimônio por grupos, que se subdividem em grupos menores e exógamos, conforme expressa o supracitado autor.

Esses grupos menores, chamados de fratías, possuíam organização social advinda do totemismo. Há aqui, nos australianos e em outros povos, uma preocupação muito grande em prevenir o incesto, e Freud (1913/1991) coloca isso como sendo uma prova de que a tentação ao incesto seja maior.

Freud cita então a quantidade exorbitante de costumes de povos antigos no que tange a evitação do incesto: jovens abandonam cedo a casa da mãe; caso encontrem a irmã no mesmo lugar, precisa sair de imediato; ela deve correr imediatamente caso o veja em qualquer lugar; não pode pronunciar seu nome ou alguma palavra sequer parecida; em outros povos, a jovem após casar só pode falar com seu primo a certa distância; um pai não pode ficar a sós em uma casa com sua filha, e esta tem por obrigação evita-lo; um homem deve evitar a concunhada, não comem juntos e só dirige a palavra a ela com temor; um homem e sua sogra devem evitar aproximação, e até mesmo pronunciar um o nome do outro; em outros lugares evita encontra-la e caso aconteça finge que não a conhece; em outros lugares podem se falar mas de longe, em cômodos diferentes ou por intermédio de terceiros.

O primeiro momento em que surge a expressão *ambivalência* em *Totem e tabu*, é se referindo às relações entre sogras e genros. Existem aversões no que tange a noiva ou esposa como objeto de ciúme ou disputa, mas sobretudo a projeção psíquica que pode acontecer da sogra em se apaixonar pelo genro como aquele que toma a sua própria filha: o objeto de sua satisfação sexual de toda a vida. Para o genro, a sogra pode se tornar uma unidade no deslocamento do seu objeto de amor edípico, que inicia na mãe, e pode acabar passando pela mãe de sua mulher. Por isso, a nível de consciência, pode haver a profunda aversão, como uma defesa contra o incesto. “Lo que se destaca así es el carácter protector del tabú y, de nuevo, su rigor se refiere a la intensidad del deseo que se sustrae a través de él.” (Freud, 1913/1991, p. 23).

Aqui, temos uma única chave: o horror ao incesto observado nos povos primitivos é um traço infantil e tem uma irmanação inegável com o modo de funcionamento do neurótico. “El psicoanálisis nos há enseñado que la primera elección de objeto sexual em el varoncito es incestuosa, recae sobre los objetos prohibidos, madre y hermana” (Freud, 1913/1991, p. 26). Nos povos primitivos, o medo de que esse incesto se torne real parece o grande motivador de tantas regras sociais rígidas e restritas no que tange ao contato entre pessoas da mesma família e/ou clã totêmico.

Seguindo no rastro da investigação de Freud, o conceito de tabu pode ser lido como santo, sagrado, ou mesmo impuro e proibido. O contrário de tabu,

em polinésio, é 'noa', o que significa ordinário, normal, acessível (Freud, 1913/2012) Então, o tabu seria algo referente a proibições, algo reservado. Nesta obra, Freud usa a expressão "horror sagrado". Horror diante de alguns objetos dentro de um culto (*Ibid.*, p. 27).

Dessa maneira,

Há um caráter ambivalente na relação com as pessoas com o totem e nos seus significados; O tabu e suas proibições não possuem nenhuma explicação sobre sua origem e sustentação. É naturalizado por todos os que estão submetidos; O tabu é o tipo de código moral mais antigo da humanidade, inclusive mais antiga que as religiões e que os deuses de forma geral (Freud, 1913/2012, p. 27).

As características do tabu submetidas à análise por Freud (Retiradas da Enciclopédia britânica citada por Freud, 1913/ 2012, p. 28). são as seguintes: seu caráter intocável (sagrado ou impuro); a restrição resultante disto; as consequências da violação desses tabus. Pode ser implícito, comunicado ou atribuído; e tem por função: proteger pessoas importantes do clã, pessoas frágeis, proteger do perigo das violações das regras através da proibição, permitir o desenrolar harmônico de acontecimentos necessários, como nascimento, casamentos, entre outros; proteção contra seres sobrenaturais, proteger do roubo.

O castigo por sua violação é automático. Vingam-se a si mesmo, através de seres sobrenaturais aos quais é relacionado, ou então o próprio clã se encarrega de punir o transgressor. Afinal, o risco recai sobre todos os membros. Existem, então, cerimônias de expiação pela transgressão do tabu. Existem tabus permanentes, como os sacerdotes, ou temporários, como a mulher em seu período menstrual.

Há uma plena certeza de que se deve obedecer ao tabu, e das consequências terríveis que podem advir de sua violação. Todo o que transgride ou toca o tabu, se torna tabu. Principalmente porque o transgressor pode fazer despertar em seus pares o desejo pela transgressão. Também por isso a punição do transgressor se torna uma obrigação social que une a todos os membros do clã em torno de uma tarefa da qual depende a sobrevivência de todo o grupo. E, também por isso, o transgressor do tabu também tornar-se tabu. Este pode

tornar-se aquele que desperta a ambivalência ante o tabu, e o desejo subversivo de cometer o mesmo erro.

Freud (1913/2012) vai chamar de angústia de tentação. Dessa forma, as construções sociais que resistem aos desejos proibidos tecem suas formas de manter-se de pé. “O deslocamento do caráter tabu para aquele que o viola corresponde assim a uma medida de autoproteção da sociedade, o que não deixa de ser estranho” (Mezan, 2019, p. 364). Nessa acepção, este autor acrescenta:

De um ponto de vista econômico, o fato de alguém ter violado um tabu desperta nos demais a tendência a fazer o mesmo; esse incremento da pressão do desejo inconsciente é combatido pelo aumento da repressão, manifestada, no caso, pela solidariedade com que os outros punem o culpado. Mas é evidente que o ato de matar o culpado permite realizar em parte o desejo reprimido, pois constitui uma descarga de agressividade; ao ser sancionada essa descarga pela autoridade do grupo, é no mesmo ato que coincidem a satisfação do desejo reprimido [recalcado?] e a gratificação da instância repressora. O castigo se revela assim como uma formação transacional, semelhante ao sintoma neurótico (Mezan, 2019, p. 367).

Sendo assim, quando ocorre a punição dentro do grupo, pelos próprios pares, existe uma tendência de autoconservação do grupo ao eliminar o transgressor, ao mesmo tempo que uma satisfação indireta do desejo inconsciente de cometer o mesmo ato tabu que despertou por contágio. Ao verem o transgressor cometendo o ato tabu, inconscientemente tem o desejo de fazer a mesma coisa, e na punição do culpado tem-se a eliminação do criminoso e ao mesmo tempo a realização do desejo inconsciente. É como a formação de compromisso na neurose. Logo, as leis e coisas proibidas nas nossas sociedades devem ter, segundo Freud (1913/1991), alguma ascendência que aponta para os antigos tabus. *O tabu também é o precursor de todos os sistemas penais.*

O tabu animal, segundo (Wundt 1863, *apud* Freud, 1913/1991, p. 32), acaba sendo o âmago do totemismo, pois proíbe matar e/ou comer o animal totêmico. Ninguém transgrede o tabu, principalmente, pela crença de que há um poder no objeto tabu, algo demoníaco e sobrenatural. Desta maneira, o tabu se apoia em crenças sobrenaturais, mas posteriormente se torna independente. O medo de algo que parece real desaparece, e se torna amparado por um código

moral. Uma lei. Por um caminho necessariamente psíquico, conforme argumenta Freud (1913/1991), se torna lei moral.

Na neurose obsessiva, a experiência clínica de Freud mostra que deseja-se o proibido, o objeto cujo contato tem consequências terríveis na verdade é desejado a nível de inconsciente. Freud (1913/1991, p. 37) chama isso de *ambivalência*. “La prohibición es expresa y conciente; el placer de contacto, que perdura, es inconciente: la persona no sabe nada de él. De no mediar este fator psicológico, la ambivalência no podría durar tanto tempo ni producir tales fenómenos consecutivos” (*Ibid.*, p. 37).

Nessa perspectiva, como não há como lutar ou mesmo lidar com o que está inconsciente, os motivos do recalçamento continuam desconhecidos e a força do desejo inconsciente desperta a defesa que produz e mantém o deslocamento para o repúdio. A pulsão se desloca buscando formas substitutivas e parciais de satisfação. E a cada movimento nesse sentido, a proibição tenta dar conta, se torna maior e mais rígida. As formas de expiação são, então, caminhos pulsionais inconscientes de se aproximar do objeto proibido.

Da mesma forma, seria impossível tentar descobrir o que leva os selvagens às suas proibições, afinal, são inconscientes. Nesse sentido, o tabu seria algo que em algum momento da história era muito desejado e praticado. Em determinado momento, a proibição desse ato aconteceu, preservando-se através das gerações pela autoridade dos líderes paternos, sociais e das tradições. Nas gerações posteriores foram se tornando mais organizados e dando conta de outros atos que se assemelhavam ao tabu central, e passados adiante como um conteúdo psíquico hereditário. O prazer em cometer a violação do tabu e suas regras também existe e sobrevive de forma inconsciente, assim como no neurótico.

Como já foi dito, o tabu animal acaba sendo o âmago do totemismo, porém não só isto. Junto a tal, existe também a proibição das relações sexuais com membros do mesmo clã totêmico. Logo, *As duas leis principais do totemismo são: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do mesmo clã.*

Tão antigos quanto as instituições do totem e do tabu, são os desejos por estes proibidos. Freud faz uma analogia entre esses desejos inconscientes de

transgredir as leis totêmicas e os desejos que forma o núcleo da neurose e do desejo infantil. Nesse momento, a partir da equiparação hipotética entre o tabu e a neurose obsessiva, sendo a motivação para as proibições-tabu desconhecidas, e os desejos que sustentam as cerimônias obsessivas igualmente inconscientes, Freud coloca no mesmo lugar do desejo infantil avistado pela psicanálise a causação do tabu e o núcleo da neurose. Seu objetivo é “chamar atenção para a intensidade dos desejos incestuosos que, aliás, faz surgir uma analogia entre o selvagem australiano e a criança ocidental, cuja sexualidade também toma por primeiro objeto o genitor do sexo oposto” (Mezan, 2019, p. 362).

Então, sendo a base do tabu um ato proibido que é profundamente desejado no inconsciente, existe a ambivalência a regra, no que tange à “necessidade” de cumpri-la e o desejo inconsciente de fazer o contrário. Como visto, há um mágico poder contagioso que emana de quem infringe o tabu, e que pode atingir a quem inconscientemente já o deseja fazer. Logo, *na base da obediência ao tabu há uma renúncia*.

Existe uma gama de proibições relacionadas ao totem que são secundárias às duas proibições-tabu centrais desse sistema (o assassinato do totem e relações sexuais com membros do mesmo clã). Os rituais envolvidos em assassinar um inimigo, são encontrados nos mais diversos povos primitivos, como oferecer sacrifícios para apaziguar seu espírito e impedir que cause grande mal, cuidados amorosos com partes de seu cadáver, lamentar sua morte como se fosse um amigo, demonstrações de arrependimento, sentimento de culpa por ter matado. Quanto os preceitos tabus de quem mata, muitas vezes, não pode voltar pra casa antes de passar por um ritual de purificação, lhe é proibido comer certas coisas, falar com sua mulher e amigos, não podem ter contato com o sangue do morto. É considerado impuro tal qual uma mulher menstruada, passa um mês sem cortar o cabelo. A criação de um ofício fixo para tal demanda, a do verdugo, coincide com o caráter cerimonial de assassinar uma pessoa. Em tudo isto, temos mais evidências da ambivalência presente no homem diante do tabu. Mata-se o inimigo, mas após isso demonstra vários atos de consideração e carinho pelo morto, e passa-se por várias cerimônias de expiação e com objetivo de apaziguar o morto e evitar que maldições recaiam sobre o clã (Freud 1913/2012).

Em se tratando dos governantes, reis e sacerdotes, são envolvidos por forças enfeitiçadoras das quais ninguém pode se aproximar sem ser atingido ou ferido. A depender do povo, não podem entrar em sua casa, do contrário podem ser feridos de morte. Ao mesmo tempo, esses reis poderiam ter o poder de cura. Era necessário proteger-se deles e ao mesmo tempo protegê-los, pois deles dependiam o bem-estar social, o sucesso das colheitas e dos mantimentos de todos. Eram vigiados para que usassem seus poderes e privilégios para o bem de todos. Se ocorre o contrário, todo respeito e amor que lhe é dispensado se torna ódio e esquecimento (Freud, 1913/1991).

Assim, sua vida se torna um grande martírio em prol de seus súditos. Alguns exemplos de vários povos sobre seus tabus são: não poder tocar o solo com os pés, não andar ao ar livre, não poder cortar cabelos, barba e unhas, precisar sentar por horas imóvel no trono para garantir a paz do povo, não tocar mulheres. Em alguns lugares o rei escolhido era coagido a assumir tal cargo, devido ao alto nível de desconforto que era assumir a responsabilidade (Freud, 1913/1991).

Mais uma evidência da ambivalência nos preceitos-tabu, são essas contradições entre privilégios reais e deveres pesados exigidos. Cheios de contradição, seu toque cura ou mata, tem poder sobre a natureza mas precisa ser protegido; Freud aponta essas contradições como presentes até hoje nas relações com grandes autoridades políticas.

A partir de uma análise psicanalítica tendo como analogia a neurose obsessiva, apontamos (Freud, 1913/1991) existe uma hipersensibilidade consciente em relação a essas autoridades, que está relacionada a uma hostilidade de ordem inconsciente. Mais um exemplo de como o desejo inconsciente de transgredir o tabu existe e é alvo de deslocamentos para que, na consciência, possa buscar substitutos distorcidos, no caso transformados em ternura “Y esa hostilidade se denuncia a gritos por um aumento hipertrófico de la ternura, que se exterioriza como estado de angustia y se vuelve compulsiva porque de outro modo no podría cumplir su tarea de mantener em la represión a la corriente contraria inconciente” (*Ibid.*, p. 55).

Freud vai comparar a postura de ambivalência do selvagem em relação ao rei ao delírio de perseguição na neurose e na paranoia, que coloca em

determinada pessoa um suposto poder ilimitável e que é capaz de lhe fazer muito mal, ao mesmo tempo que lhe dirige sentimentos ternos. Na paranoia, e nos povos primitivos (sobretudo, no que tange a sua relação com o governante) é uma repetição da relação de uma criança com seu pai. Ou seja, há o amor e o medo dos poderes ilimitados desse pai. A ação obsessiva é uma defesa contra a proibição, e ao mesmo tempo uma repetição do proibido. Tanto a pulsão recalcada quanto a recalcadora são satisfeitas em parte. Destarte, *a ambivalência na relação com o governante é uma característica do tabu que segue a mesma lógica da neurose obsessiva e espelha a relação pueril de uma criança com seu pai.*

Outro tabu muito comum em povos primitivos é o tabu dos mortos. Entre alguns costumes dos mais variados povos, alguns consideravam impuros quem tocava em um cadáver, não podia entrar em casa, tocar alimentos e pessoas, sendo sua condição transmissível. As restrições aumentavam se havia diferença de hierarquia entre o morto e o vivo que o toca. Viúvos também eram envolvidos em tabus: não podem tocar o próprio corpo, e seus utensílios não podem ser usados por outras pessoas, métodos são seguidos para deixar longe o espírito do morto, vive como degredado, perde direitos, fica dias recolhido a sós, e fica proibido falar o nome do morto, em alguns povos por um certo período, e em outros permanentemente, sob pena de grave castigo, como bem expressa:

O tabu dos mortos evidencia — se nos for permitido conservar a analogia com a infecção — uma particular virulência na maioria dos povos primitivos. Manifesta-se primeiro nas consequências trazidas pelo contato com o morto, e no tratamento dos que guardam luto por ele. Entre os maori, todo aquele que tocava num cadáver ou participava do seu enterro era bastante impuro e quase cortado de qualquer relacionamento com os semelhantes, era boicotado, digamos. Não podia entrar em nenhuma casa, nem aproximar-se de uma coisa ou pessoa, sem contaminá-las igualmente. Não lhe era permitido sequer tocar no alimento com suas mãos, pois a impureza as tornava inúteis. A comida era posta no chão à sua frente, e não lhe restava senão apanhá-la com os lábios e os dentes, como fosse possível, enquanto mantinha as mãos nas costas. Ocasionalmente permitia-se que outra pessoa o alimentasse, e ela então o fazia com o braço estendido, tendo cuidado para não tocar o infeliz, mas esta pessoa era então ela mesma sujeita a restrições, que eram pouco menos pesadas que as do indivíduo impuro. Em toda aldeia havia uma pessoa degradada, excluída da sociedade, que vivia miseravelmente de umas parcas esmolas. Apenas a este sujeito

se permitia aproximar-se, à distância de um braço, daquele que havia cumprido o último dever para com um morto. E quando, passado o período de isolamento, o indivíduo conspurcado pelo cadáver podia novamente juntar-se aos companheiros, toda a louça que ele havia utilizado durante aquele tempo era destruída, e toda vestimenta de que tinha se servido era jogada fora (Freud, 1913/2012, p. 59).

Em alguns lugares o nome do defunto é mudado, mudam o nome de todos que tem o mesmo nome, até mesmo dos animais e objetos. Apesar disso, há uma prática reparadora de evocar o nome dos mortos após um bom tempo, nomear as crianças com tais nomes, como se fossem reencarnações de quem morreu. O tabu com os mortos e seus nomes visa evitar que estes voltem para perseguir os vivos. Há a crença de que o espírito da pessoa que morre se torna um demônio, já que estão insatisfeitos com a própria morte.

O nome, para os povos primitivos, representa um emblema significativo da personalidade de quem o detém, e Freud (1913/1991, p. 27), aponta para a semelhança na forma de pensamento infantil, que aproxima em características pessoas e/ou coisas com o mesmo nome. Os neuróticos obsessivos também desenvolvem muitos cuidados extremos no que tange a pronunciar vários nomes. Há também uma censura que leva o neurótico obsessivo a pensar se não seria ele o culpado pela morte da pessoa querida, explicada pela psicanálise como sendo uma culpa advinda do fato de que inconscientemente havia um desejo pela morte do outro.

Freud (1913/1991) aponta que a *predisposição à neurose obsessiva possui em elevada quantidade a originária ambivalência de sentimentos, também possuída pelos selvagens submetidos ao tabu*. Desse modo, o selvagem precisa de um mecanismo de defesa, assim como possui o neurótico obsessivo. O desejo inconsciente pela morte da pessoa, se desloca para uma hostilidade direcionada ao morto, mecanismo esse que Freud chama de projeção:

El primitivo actúa, así como si su deseo inconsciente fuera la causa efectiva de la muerte del otro y, en este sentido, el análisis del animismo permite fundamentar la analogía, inicialmente externa, entre lo individual y lo social, en un identificación de reacciones (Freud, 1913/1991, p. 62).

Este basicamente é um direcionamento de sentimentos que deveriam ter permanecido internos, mas que foram jogados para fora, em algum objeto. É uma forma neurótica de lidar com sentimentos ambivalentes. “Também o tabu dos mortos vem da oposição entre a dor consciente e a satisfação inconsciente pelo acontecimento fúnebre” (Freud, 1913/2012, p. 67).

Essa projeção levará à crença de que o espírito do morto se tornou um demônio que está sedento de maldição e vingança contra os que ficaram vivos, o que reforça a necessidade de manutenção dos tabus dos mortos. A criação dos demônios como advinda da ambivalência que ocasionou a projeção, é um modelo rudimentar de determinado sistema religioso ou cosmológico chamado *animismo*. Nesse modelo a ambivalência também se coloca, tanto no medo de demônio quanto na crença de espíritos ajudadores. Freud coloca a tarefa do luto como essencial aqui, de dissolver as dores e memórias sobre o morto, conseqüentemente os sentimentos de culpa, permitindo que haja um deslocamento na ideia de um demônio para a de um ancestral ajudador, um bom espírito.

Uma vez aqui citado, importa demarcar que *animismo*,

No sentido mais estrito, animismo é a doutrina das almas, no sentido mais amplo, a dos espíritos em geral. Também se distingue o “animatismo”, a teoria do caráter vivo da natureza que se nos mostra inanimada, assim como o “animalismo” e o “manismo”. O termo “animismo”, antes aplicado a determinado sistema filosófico, parece ter recebido de E. B. Tylor seu significado atual (Freud, 1913/1991, p. 79).

A introdução do termo, vale ressaltar, se deu pela percepção única que os povos primitivos, tanto os conhecidos pela história quanto os contemporâneos, possuem sobre o mundo e a natureza. Esses povos acreditam que o mundo está repleto de seres espirituais, os quais podem ser tanto benéficos quanto maléficos. Eles associam a esses espíritos e demônios a responsabilidade pelos fenômenos naturais e acreditam que não apenas animais e plantas, mas também objetos inanimados, são animados por essas entidades, como de detalhará em parágrafos mais à frente.

Retomando, pois, ao tabu, esta é a forma mais antiga de consciência moral, sendo a sua violação uma fonte de culpa. Freud conceitua consciência

moral a percepção de que há desejos em nós mesmos que desaprovamos, sem lógica alguma. Simplesmente desaprovamos. No que tange ao tabu, sua violação traz uma culpa cuja explicação não pode ser encontrada. Na neurose obsessiva a culpa é uma reação contra o desejo inconsciente pelo proibido. A consciência de culpa está diretamente responsável pelo despertar da angústia, cuja causa é inconsciente. Quando um desejo é recalcado, sua libido se transforma em angústia. *Na constituição da cultura, é importante destacarmos o caráter indestrutível do inconsciente e sua capacidade de deslocamento, logo podendo trocar de objetos e pessoas através dos tempos.*

Freud, então, chega a uma reflexão importante. Sendo as pulsões recalçadas e deslocadas de origem sexual, estas são o que predominam na neurose. Na normalidade, seria o contrário, ou seja, o controle das pulsões sexuais ou a sua sublimação para outros objetivos superiores. A nível social, os desejos de transgressão dos preceitos-tabu são os inimigos da ordem social, a despeito daqueles que são os organizadores sociais. Logo, *Os desejos proibidos são sempre a antítese da organização social e moral, seja a nível de neurose, seja a nível social. Por outro lado, mesmo as pulsões sociais tem sua origem no sexual.*

À vista disso, Freud (1913/1991, p. 78.) compara: Histeria e criação artística; Neurose obsessiva e religião; Delírio paranoico e Sistema filosófico. O autor afirma que as neuroses são formações sociais e espelham de forma singular o que acontece a nível social. Sobre a questão, constata: “Esse exemplo de comparação entre o tabu e a neurose obsessiva permite imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais, e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural (*Ibid.*, p. 79).

Sob este prisma, as neuroses apresentam, por um lado, profundas e notáveis semelhanças com as grandes produções sociais como a arte, a religião e a filosofia, mas, por outro lado, se manifestam como distorções dessas áreas. Pode-se afirmar que a histeria é uma versão caricaturada de uma obra de arte, a neurose obsessiva é uma caricatura de uma religião e o delírio paranoico é uma caricatura de um sistema filosófico.

A diferença fundamental está no fato de que as neuroses são formações antissociais; elas buscam alcançar, de maneira individual, o que a sociedade alcançou por meio do esforço coletivo. Na análise dos instintos nas neuroses, percebe-se que a influência dominante é das forças instintuais de origem sexual, enquanto as correspondentes formações culturais se baseiam em instintos sociais, originados da combinação de elementos egoístas e eróticos. A necessidade sexual não une as pessoas da mesma forma que as exigências de autopreservação; a satisfação sexual é, primordialmente, uma questão individual (Freud, 1913/1991, p. 79).

Sob uma perspectiva genética, a característica antissocial da neurose decorre de sua tendência inicial de fugir de uma realidade insatisfatória em direção a um mundo de fantasia mais prazeroso. O mundo real, que o neurótico evita, é regulado pela sociedade e pelas instituições criadas coletivamente; ao se afastar da realidade, o neurótico também se afasta da convivência com a comunidade humana (Freud, 1913/1991, p. 79).

Nessa acepção, compreendemos a analogia do autor ao mencionar o animismo enquanto a ideia de que existem seres espirituais. Uma herança dos povos primitivos, acreditar que existem seres espirituais que cuidam e regem a natureza e a ordem do mundo, inclusive os seres humanos possuem almas de funcionamento mais amplo e independente dos corpos. Argumenta-se que essa crença surge a partir da explicação dos estados de sono e da morte. Freud (1913/1991), a partir da leitura de Wundt e Bacon, apresenta a argumentação de que o animismo é uma produção intelectual e antropomórfica, de interpretação do mundo que gera um ressaltado para seus objetos. É atribuir às coisas do mundo significados que tem a ver com sua vida anímica.

Acreditamos ser isso um exemplo de produção de cultura. “No es correcto suponer que los seres humanos fueron impulsados por un simple deseo de conocimiento especulativo a su primer sistema cosmológico. La necesidad práctica de apoderarse del mundo debe desempeñar su papel en este empeño” (Freud, 1913/1991, p. 82). É um sistema de pensamento anterior ao religioso e ao científico, e de caráter psicológico. É a condição de possibilidade das religiões, dos mitos, embora não haja explicação sobre o nexo que une ambas.

A técnica do animismo, ou seja, a forma que o homem cria para se apropriar do mundo ao seu redor, chama-se feitiço, ou magia. O feitiço é a forma de lidar com os espíritos, manipulá-los; a magia é mais ampla e tem poder sobre a natureza como um todo. Ou seja: entender essa relação mágica com a natureza como sendo parte da realidade. “Confundir una conexión ideal con una real” Tylor citado por Freud, 1913/1991, p. 83). Ou seja, é uma forma de pensar uma conexão com a natureza, uma forma de lidar com a falta de respostas naturais que possam ajudar a lidar com o mundo ao redor em favor da própria vida. Logo, o *animismo*, o *feitiço* e a *magia* são formas muito antigas de construção de cultura.

Sobre isso, Frazer coloca “Los hombres han tomado erróneamente el orden de sus ideas por el orden de la naturaleza, y así han imaginado que el control que tienen, o parecen tener, sobre sus pensamientos, les permite ejercer un control correspondiente sobre las cosas.” (Frazer, *apud* Freud, 1913/1991, p. 87). É o movimento de tomar as ideias humanas como explicações e nomeações exatas dos processos naturais.

Aqui percebemos mais uma vez a importância do nome na construção de um domínio de personalidade e até mesmo de alma. Temos hoje costumes que não são novos, de colocar o nome de pessoas que não gostamos em animais, como forma de fazer piada ou mesmo de desejar o mal para essas pessoas. “En opinión del primitivo, entre los componentes esenciales de una personalidad está también su nombre; y así, conociendo el nombre de una persona o de un espíritu, adquiere cierto poder sobre su dueño” (Freud, 1913/1991, p. 85).

Produzir chuva e fecundidade são rituais cujas marcas sobrevivem até os tempos atuais. Aqui, entra o sexo como causador da fertilidade da terra, e o incesto a causa da infertilidade. Imitar a chuva para que chova, fazer sexo nas plantações; caminhos que imitam o esperado através de ações, são o que chamamos de magia imitativa ou homeopática. Outra forma de fazer magia seria pegar o cabelo, parte do corpo de alguém e fazer algo de hostil, para que o mesmo aconteça com a pessoa em questão. Esse tipo de magia não seria mais a imitativa, mas a de afinidade. Por isso, se come uma pessoa, para adquirir certas características suas. Também acredita-se na conexão entre uma ferida e a arma que a fez.

Existe então uma superestimação geral dos processos anímicos, vale dizer, uma atitude frente ao mundo, que nós, de acordo com nossas intelectões do vínculo entre realidade e pensar, devemos necessariamente considerar como uma superestimação do segundo. As coisas do mundo são relegadas em detrimento de suas representações, o que se faz com essas acontecerá àquelas também. As relações que existem entre as representações se pressupõem também entre as coisas (Freud, 1913/1913).

Como observado a partir da obra, a onipotência dos pensamentos é algo presente e determinante não só na neurose obsessiva, mas também em outros tipos de neurose. A angústia de morte é o que alimenta os pensamentos mágicos. Comparando com o desenvolvimento da humanidade ao passar pelos estados animista, religioso e científico, Freud coloca as três posições análogas do psiquismo: no primeiro estágio, o homem tem o pensamento onipotente; no segundo, o homem direciona sua confiança aos deuses, e no terceiro não há espaço para qualquer poder do pensamento humano, apenas sua resignação.

Freud (1913/1991) compara mais uma vez o desenvolvimento da humanidade com o desenvolvimento individual, sendo o estágio animista o narcisista, o religioso seria os primeiros objetos de amor (pai e mãe) e o científico seria a fase normal do desenvolvimento da criança.

Dessa forma: (*Animista* → *pensamento onipotente* → *Narcisismo*

Religioso → *confiança nos deuses* → *Édipo*

Científico → *resignação do humano* → *Renúncia ao princípio do prazer*.

A arte parece ser a única demonstração humana na qual a onipotência dos pensamentos aparece junto a um funcionamento normal do aparelho psíquico. Assim, o *animismo é uma cosmologia psicológica, a projeção da psiquê primitiva no mundo externo, e fazer o caminho inverso é o objetivo de Freud*.

Existe um avanço da magia, na qual o primitivo atribui poder supremo ao próprio pensamento; ao animismo, no qual esse poder é atribuído a espíritos e demônios. Esses seres sobrenaturais são projeções dos desejos inconscientes que acontecem na busca por certa descarga de energia. Os espíritos malignos, por exemplo, surgem das impressões que a morte e seus conflitos psíquicos

causam nas pessoas. A criação dos espíritos surge do mesmo manancial de onde vem as restrições-tabu; a culpa pelo desejo inconsciente pela morte do outro, a necessidade de criar uma coesão social, de sobrevivência e de domesticação das pulsões sexuais. Há um sacrifício que é feito em prol de sua própria segurança.

Sendo o animismo um sistema de pensamento que propõe uma interpretação ou explicação completa sobre o universo. É isso o que queremos dizer, ao afirmar que o animismo é uma cosmologia. Freud (1913/1991) considera importante apresentar a noção de sistema para a psicanálise. Citando o exemplo da formação dos sonhos, o sistema é um conjunto de dinâmicas pulsionais que conduzem informações, pensamentos e imagens de forma que seja apresentada uma imagem coerente, ainda que não seja a mais verdadeira. Existe uma organização que segue determinadas lógicas, assim como o processo secundário organiza as coisas de forma coerente. Em cada formação do sistema, existe uma representação coerente e apresentada e outra recalçada. A ligação entre esses dois não está à disposição fácil.

No sistema animista, cada detalhe de sua teorização ou prática, pensamento ou costume, tem por trás um sistema que lhe fundamenta, que Freud chama de supersticiosa. Essa fundamentação é para o animismo como a angústia para a formação do inconsciente freudiano. Cada passo nessa sistematização, que busca lidar com a ausência de respostas diante de um mundo misterioso e hostil, visa sobretudo buscar um “equilíbrio” entre a organização social, a relação do homem com a natureza e a pacificação de seus desejos recalçados cujas possíveis consequências poderiam desembocar no inverso de todo esse ordenamento.

Avancemos então, com Freud, na relação direta que o animismo tem como totemismo, enquanto sistema maior. O totemismo é uma forma rudimentar de sistema religioso que fornece direcionamentos para um ordenamento que é também social. São seus atributos: O totem é um ancestral de determinado grupo, herdado por linhagem materna; não se pode matar a certos animais; por vezes não se pode tocá-lo, chamar seu nome, e nem sequer olhá-lo; se esse animal morre, recebe honrarias, se for realmente necessário mata-lo, segue-se um conjunto de rígidas e específicas cerimônias; no caso de sacrifício em algum culto, há uma festividade, na qual os homens se vestem desse animal; linhagens

que descendem desse totem levam seu nome; as vezes usam figuras do totem para enfeitar seus objetos e para tatuagens; mesmo sendo perigoso, o animal respeita seus descendentes, os protege, lhes serve de oráculo, caso se aproxime de alguma casa, é porque veio buscar alguém para morrer.

Violar um desses preceitos-tabu é punido automaticamente com a morte. Os membros da mesma linhagem totêmica são todos irmãos, e devem se proteger. Os laços totêmicos são mais fortes do que os sanguíneos. Entre os membros do clã totêmico são proibidas relações sexuais. Ou seja: *acredita-se piamente que há um vínculo com o totem, que regula a relação do homem com este, e a relação entre esses homens.*

As investigações sobre o totemismo, diz Freud (1913/1991), buscam o fundamento das duas principais regras impostas em função deste, a saber: a organização da linhagem totêmica e a exogamia; essa busca precisa se dar na direção do fundamento histórico e psicológico, ou seja: mostrar como isso aconteceu e se desenvolveu, bem como mostrar a constituição psíquica envolvida em todo esse complexo imbricamento religioso e social.

Entre as teorias de surgimento do totemismo existem três. As teorias nominalistas apontam uma necessidade prática de diferenciar as tribos por nome, relacionada ao surgimento da escrita, e não necessariamente a crença em um parentesco com o totem. Não são suficientes para explicar o surgimento de todo um sistema religioso e social a partir de uma necessidade prática de nomear. A explicação possível seria a criação de um sistema totêmico que explicaria retroativamente o ato de nomeação de pessoas e grupo com o nome de determinado animal; visto que nunca haveria de existir uma explicação natural. Ou seja, criar um relato onde não existe nada, o que seria basicamente um movimento cultural, e necessariamente uma operação psicológica.

As teorias sociológicas dizem que o totemismo seria basicamente “uma hipertrofia do instinto social” (Reinach *apud* Freud, 1913/1991, p. 116). Um dos exemplos de estrutura social que teria gerado o totemismo é que cada grupo produzia ou criava determinado tipo de animal ou planta que era usado na subsistência e era trocado pelos itens criados por outros grupos, e com o tempo cada grupo começou a ser identificado com o animal ao qual se dedicava. São

explicações muito práticas, mas que falham em dar argumentos suficientes da origem do totem em necessidades práticas e cotidianas.

As teorias psicológicas dizem que existem explicações animistas e sobrenaturais para atos naturais sem explicação, como a busca pela proteção de um totem pelo ato de depositar sua alma nele, a troca de almas, a transformação de parentes mortos em almas a serem adoradas como ancestrais, ou a crença de que a gravidez seria o entrar do espírito de um totem na barriga da mãe. Então, o totemismo como sistema depende diretamente do animismo. Aqui também podemos perceber o tabu dos mortos como uma forma de lidar com alguém que já morreu, e que deixa de ser inimigo para ser alguém respeitado. *A origem da explicação totêmica seria uma resposta para lidar com o desamparo e/ou com a ausência de uma resposta pela origem da vida.*

Freud (1913/1991) então apresenta a tentativa de Charles Darwin, a nível de suposição histórica, de explicar o horror ao incesto. O homem vivia em hordas, sendo que em cada uma havia um macho mais velho e mais forte que impedia as relações sexuais. Esse macho afasta todos os outros, mais jovens e menos fortes. Ao se afastarem, buscavam relação com uma fêmea e criavam uma nova horda com as mesmas regras. Nessa explicação, a exogamia viria antes do totemismo. Ou independente. Como conciliar essa com as evidências já apresentadas da interdependência do totemismo e da exogamia?

Trazendo a experiência analítica de crianças pequenas, Freud mostra que há uma simpatia e identificação das crianças com os animais. Do animal ao qual antes havia sido destinado interesse e admiração, sobrevem uma fobia sem explicação, que posteriormente descobria-se ser uma angústia frente ao pai que era deslocada para o animal. Um desejo inconsciente de que o pai se afastasse e permitisse então que o rapazinho tomasse a mãe apenas para si. Sentimentos de medo, admiração, raiva e vontade de tomar seu lugar, eram todos deslocados para o animal, que era alvo de lamentos, medos e também de imitação nas brincadeiras. *Eis o Complexo de Édipo, em sua ambivalência mais nítida, conforme se apresentava nos meninos.*

Nesse sentido da análise, o totem é o pai, como já tínhamos visto este como um ancestral comum, que cuida e também castiga. Sendo então, o pai; as regras fundamentais do totemismo (não matar o totem e não ter relações sexuais

com nenhuma mulher do totem) coincidem com os dois desejos inconscientes do Édipo: matar o pai e tomar para si a mãe. Por consequência, Freud chega num ponto de argumentação em que acha um ponto de intersecção entre o totemismo, sendo este o originador das organizações sociais e religiosas; e o complexo de Édipo, como o originador do psiquismo de todo ser humano: o desejo inconsciente de matar o pai e tomar a mãe/matar o totem e tomar as mulheres da horda.

Como já trouxemos anteriormente, eventualmente o totem poderia ser morto em exceções acompanhadas por minuciosos rituais, cerimônias e processos de expiação. Sobre isso, podemos trazer o que Freud (1913/1991) aponta, na contribuição de alguns pesquisadores da época, acerca da existência de um banquete totêmico. Este seria um dos ritos mais antigos das religiões, cujos objetivos seriam a celebração da amizade com o deus e com os irmãos. A carne e o sangue tornavam deus e adoradores a mesma coisa. Fazia parte da obrigação social de todos. Aqui residia um predicado ético do ato, dentro de uma religião que em si já era uma reguladora social. Assim como existiam transgressões aos preceitos-tabu que sobre as quais todo o clã deveria se responsabilizar, a morte do animal totêmico era um ato que deveria ser lavrado por todos, incluindo a celebração do banquete e do consumo de sua carne. Nesse ponto, o animal sacrificado era, necessariamente, o animal totêmico. Através de tal banquete, os homens adquiriram obrigações sociais.

Em épocas antiquíssimas, o mesmo animal do sacrifício era sagrado e sua vida era inviolável; apenas com a participação e culpa conjunta da tribo inteira podia ser tomado para brindar a substância sagrada, após a qual os membros do clã garantiam sua identidade substancial entre si e com a divindade. O sacrifício era um sacramento, e o próprio animal sacrificial, um membro da linhagem. Na verdade, era o antigo animal totêmico, o próprio deus primitivo, por meio da cuja matança e devoração os membros do clã lembravam e reafirmavam sua semelhança divina (Freud, 1913/1991, p. 140). *Freud afirma, então, que o totem é um substituto paterno.*

Por isso a ambivalência dos atos e sentimentos em relação ao totem. Este é tratado de forma cuidadosa, repleta de regras e cerimônias, mas em algum momento é assassinado, devorado, e logo em seguida pranteado. Trata-se,

basicamente, da mesma ambivalência presente no complexo paterno. Esta é a interpretação que a psicanálise dá ao totemismo. Sendo assim, Freud propõe uma hipótese própria que coaduna suas argumentações sobre o totemismo, a exogamia e suas influências nas organizações social e religiosa dos primitivos até os tempos atuais; a partir dos relatos e conjecturas dos antropólogos e estudiosos citados em sua obra *Totem e tabu*. Para criar tal hipótese, faz uma leitura do mito criado por Darwin.

Na horda primeva, um pai colérico tem ciúmes de todas as mulheres da horda, as guarda para si e mantém longe seus filhos conforme vão crescendo. Um dia esses irmãos se juntaram, mataram e devoraram o pai. Se uniram em prol de algo que era impossível de ser feito individualmente. Devorando o pai, há uma identificação com ele. Dessa forma, o banquete totêmico representa a repetição da devoração do pai, que deu origem às organizações sociais, éticas e religiosas. A imagem do pai é deslocada para a de um deus, o pai morto se torna um deus onipotente e capaz das mais variadas formas de punição e vingança.

Interessante o exemplo de Darwin, ter visto atos semelhantes em cavalos, nos quais havia a destruição completa do grupo e a impossibilidade de surgimento de qualquer organização social ali. A explicação para que, no caso da horda primeva, ocasionasse o surgimento da ordem social, era que os sentimentos presentes nos filhos eram ambivalentes tal qual os sentimentos de um menino em seu complexo paterno. Após matá-lo, os sentimentos bons voltaram a surgir, o que originou um sentimento de culpa. Proibiram o ato que estes mesmos cometeram e renunciaram às mulheres da horda. “Assim, a partir da consciência de culpa do filho homem, eles criaram os dois tabus fundamentais do totemismo, que por isso mesmo coincidiram com os dois desejos recalcados do Complexo de Édipo” (Freud, 1913/1991, p. 145).

Assim, no decorrer de sua análise contempla:

Se agora juntamos a concepção psicanalítica do totem com o fato do banquete totêmico e a hipótese darwiniana sobre o estado primevo da sociedade humana, há a possibilidade de uma compreensão mais profunda, a perspectiva de uma hipótese que talvez pareça fantástica, mas que oferece a vantagem de produzir uma insuspeitada unidade com séries de fenômenos até então separados (Freud, 1913/1991, p. 140).

Freud parte em busca desse conhecimento já produzido para discutir a semelhança desses povos com os neuróticos que tanto escuta em seu divã, e sobre os quais teoriza em seus trabalhos. Smadja, (2016, p. 176), vai dizer que “Em Totem e tabu, por meio da analogia com as formações neuróticas sintomáticas, as instituições primordiais tem origem pulsional e animal”, ou seja, falar sobre essas civilizações e pensar a estruturação social destas em comparação com a organização neurótica é, necessariamente, pensar em termos de natureza e cultura, e onde está esse liame. Acreditamos que a psicanálise é frutífera na busca por esses limites, e por se colocar como diálogo entre as ciências da natureza e as ciências do espírito, propõe uma resposta a esse embate, e que acreditamos que Totem e tabu corre nesse caminho. Interessante observar que Freud busca, em seu trabalho sobre tais povos, colocar hipóteses que equipem uma possível interpretação do todo.

[...] Permite situar o trabalho de Freud como uma reconstrução do que teria sido a origem – reconstrução operada, como no tratamento analítico, a partir de elementos manifestos reduzidos a seu sentido por meio de interpretações pertinentes. É esse caráter de reconstrução – reconhecido explicitamente pelo autor – que invalida de antemão as críticas mais frequentes feitas ao livro, segundo as quais os acontecimentos inferidos por Freud não são verificáveis no material recolhido pelos antropólogos no terreno (Mezan, 2019, p. 357-358).

O incesto é tão temido que chega a ser punido até mesmo quando acontece entre animais. “Uma mujer zulu a quien le preguntaron por el fundamento de la prohibición adujo um motivo de ternura: ‘No está bien que él vea los pechos que amamantaron a su esposa” Freud (1913/1991). Sobre isso, Monzani (2011, p.247) reflete: “É por isso que, também, se as primeiras instituições promulgam tantas interdições, isto é inverossímil: eles tinham muito mais medo do incesto do que nossa sociedade, isso porque a primeira instituição social fez nossa sociedade recalcar o que estava à flor da pele”.

Nessa mesma acepção, Mezan (2019), prossegue destacando:

O rigor da proibição deve ser proporcional à intensidade do desejo proibido, já que não é necessário proibir aquilo que ninguém deseja fazer. Se as regras referentes ao casamento são tão rigorosas entre os primitivos, é porque neles o desejo incestuoso é

proporcionalmente mais intenso que nos civilizados (Mezan , 2019, p. 361).

Parece que estes primeiros grupos estavam na tentativa cultural de empreender o que para as nossas sociedades já era mais simples, haja vista, o tempo para que as neuroses estivessem estabelecidas nas relações sociais. Não se trata de dizer que há uma evolução social, mas simplesmente uma neurose bem construída, poderíamos dizer, se fossemos freudianos *religiosos*.

Dessa forma, todos os povos possuem um tabu, relacionados a leis ou costumes, uso de algumas palavras ou objetos. A existência de todos os povos está condicionada, culturalmente falando, a estarem submetidos a uma lei (Wundt *apud* Freud, 1913/1991, p. 31). Seguindo essa linha de argumentação de Wundt, a fundação de um povo enquanto cultura, está condicionada à submissão a uma lei que estabelece o que se deve e o que não se deve fazer. Ou seja, um ordenamento moral. E é importante frisarmos isso, porque o mundo natural possui suas próprias leis, definidas a partir das programações de instinto e espécie de cada organismo. Adentrar a um mundo onde o natural não é mais determinante nos obriga a pensar o que nos funda enquanto humanidade. Enquanto seres que escolhemos, que sentimos e amamos.

3. A TEORIA FREUDIANA ATÉ 1921

O movimento dos conceitos na teoria psicanalítica freudiana, desde sua fundação em 1900 com a publicação da obra *Interpretação de sonhos*, até a publicação do livro *Psicologia das massas e análise do eu*, passa por modificações significativas que podem ser notadas nas obras que se localizam temporalmente nesse entremeio.

A descoberta que fazemos aqui é que, com os avanços que Freud teve em suas obras, especialmente os artigos sobre a metapsicologia (1915/1991) e “Além do princípio do prazer” (1920/1991), Freud transita lentamente de uma descrição predominantemente topográfica, para uma descrição na qual o ponto de vista dinâmico ganha uma proporção maior. Consideramos importante então, trazermos algumas questões essenciais acerca do processo de recalque, tal qual Freud (1915/1991) instituiu durante a sua obra e propôs formalmente nos artigos sobre a metapsicologia, para avançarmos a partir do que possa nos trazer sobre esse ponto de vista dinâmico.

Em 1915(1991), no texto Repressão (recalque, do alemão *verdrangung*), Freud já afirma algo essencial para entendermos a sua teoria do psiquismo: o recalque só pode ser suposto a partir de uma teoria que admita uma divisão entre o que é consciente e o que é inconsciente. É interessante porque, se formos buscar os primeiros textos de Freud (1895/1991), como por exemplo, os Estudos sobre a histeria, nos deparamos com a seguinte concepção prévia: existe algo que está inacessível à consciência, portanto podemos afirmar que existe uma espécie de divisão entre o que está disponível à consciência até aqui dita normal, e essa outra coisa, conforme exposto antes.

Nessa acepção, o recalque traz justamente esse afastamento de algo que é insuportável à consciência, sendo que esse afastamento está, segundo Freud (1915/1991), em conformidade com o princípio do prazer. Essa conformidade é confirmada no objetivo principal é evitar o desprazer, afastando a ideia insuportável da consciência.

Esse recalque só é possível porque há algo que foi barrado à consciência desde o início, que Freud chama de Recalque originário, ou recalque

primevo. Esse recalque originário, que possibilita que os recalcamientos secundários ocorram sempre relacionados a este, nós lemos como sendo o que funda a divisão do aparelho, já que o recalque dos objetos só ocorre por causa desse recalque.

Apesar desse ato de afastamento, o representante pulsional continua a se movimentar livremente no inconsciente, se desenvolvendo com mais força e ousadia, e mais adiante, Freud (1915/1991) ainda admite que o recalque é radicalmente desprovido de êxito. Justamente porque, se temos a formação de sintomas e sonhos, é porque houve um retorno do recalcado.

Demarcamos um avanço fundamental até aqui: a concepção de que os representantes pulsionais presentes no inconsciente se movimentam, se ligam a outros e aumentam sua força é corroborante com a nova descrição do psiquismo proposta por Freud (1915/1991), de que o aparelho mental não se trata apenas de traços, mas de componentes dinâmicos. O texto *O inconsciente* (1915/1991) traz colaborações importantes a partir das quais tecemos algumas considerações: inicialmente o objetivo do recalque, como dizemos anteriormente, é o processo de afastar da consciência a ideia relacionada ao representante pulsional; o que ocorre é uma retirada de investimento dessa ideia, que, tornando-se inconsciente, recebe um investimento de pulsões do sistema ICs.

Apesar do título do texto, podemos então nos aprofundar mais ainda na relação entre o inconsciente, o pré-consciente e o consciente. Justificamos essa possibilidade a partir da afirmação de Freud (1915/1991) de que o único caminho de apreciação das características do inconsciente é uma comparação com as características do sistema pré-consciente e consciente, visto que só podemos falar sobre o inconsciente a partir do que ele não é.

O inconsciente já é descrito no texto *A interpretação dos sonhos* (1900/1991) como um sistema composto de traços, que não tem acesso direto ao sistema Cs (consciente), que só sabe desejar, cujas formações são expressões desse desejo. Essas formações apontam para um conflito entre esses dois sistemas. Aqui, o recalque é descrito como um processo que evita a lembrança de qualquer ideia que traga sofrimento no sistema Cs.

Os processos primários e secundários são descritos, respectivamente, como os processos que buscam uma descarga que é sentida como prazerosa, e

como os processos que abandonaram a busca pelo prazer em nome de uma forma de pensamento. Freud (1900/1991), ali, já se dá conta de que nem tudo o que é consciente já foi inconsciente, no entanto existem coisas no inconsciente que jamais foram conscientes. Afirmava ainda que o sistema PCs seria um tipo de sistema inconsciente que estaria latente, ou seja, mais próximo de se tornar consciente.

Freud então faz uma afirmação que consideramos capital no avanço do conceito de inconsciente: “Seria não obstante errôneo imaginar que o ICS, permanece em repouso enquanto todo o trabalho da mente é realizado pelo PCs. – que o ICS é algo liquidado, um órgão vestigial, um resíduo do processo de desenvolvimento” (Freud, 1915/1991, p. 195).

Ousamos afirmar, a partir disso, que o inconsciente não é simplesmente um traço. A partir do que Freud fala, podemos ainda afirmar que o inconsciente não é simplesmente um depósito de recalçados, como já afirmamos há alguns parágrafos atrás, justamente porque o recalçamento não é a única forma de comunicação entre ele e o pré-consciente. Através de seus derivados, o inconsciente tem a possibilidade de adentrar à consciência (Freud, 1915/1991).

Todo esse funcionamento dinâmico do psiquismo, de 1900 até 1915, é conforme o princípio do prazer-desprazer: o processo de recalçamento, a sucessão dos processos primários pelos secundários, o funcionamento do inconsciente na busca incessante pela satisfação, a pressão entre os sistemas pela evitação do desprazer, a causação das neuroses. Essa é a descrição metapsicológica do psiquismo que vai ter um avanço fundamental em 1920(1991), com a publicação da obra Além do princípio do prazer.

A partir dos sonhos na neurose traumática e nas brincadeiras infantis, Freud faz a pergunta: porque existem experiências que repetem lembranças desprazerosas, se existe um princípio que regula a vida mental a partir do alcance do prazer e do desprazer? Podemos ainda afirmar que, na dominância do princípio do prazer, o desprazer existe. A situação constante de conflito e pressão entre os sistemas Psi mostra que certas coisas podem ser sentidas como prazer em um sistema, e como desprazer em outro sistema. Essas coisas não entram em conflito com a teoria do princípio do prazer.

Mas os exemplos dos sonhos nas neuroses de guerra trazem justamente o tipo de repetição que não causam prazer em nenhum dos sistemas. Freud vai colocar essas experiências como sendo parte do hall de experiências que dizem respeito ao desencanto sofrido pelas criança ao ser vetada de seu objeto de amor primeiro. Não há como essas experiências terem sido prazerosas de forma alguma, e elas são repetidas compulsivamente, dentro e fora da análise.

Mas vejamos algo interessante sobre as brincadeiras infantis: o sobrinho de Freud joga o carretel, com uma expressão verbal longa e puxa com uma expressão verbal rápida (*fort-da*). Freud ainda afirma que a primeira parte da brincadeira parece ser mais longa, o mesmo padrão da brincadeira foi observado em outros comportamentos da mesma criança. Sobre isso, Freud (1920/1996) diz: “A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual [pulsional] (isto é, a renúncia à satisfação instintual [pulsional]) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar” (*Ibid.*, p. 23). Ou seja, a repetição de uma situação apenas desprazerosa tem como objetivo, além de reviver a situação dessa vez numa posição ativa, a repetição do ato de abrir mão do objeto de amor: a castração. É essencial destacarmos, nessas considerações, que essa repetição não obedece ao princípio do prazer, ou não se encaixa em uma teorização que esteja por todo apoiada no princípio do prazer.

Podemos colocar que o próprio avanço da “técnica psicanalítica” nos tempos de Freud deu-se conta de que o recalcado não oferece a menos resistência para vir à consciência. Pelo contrário, faz pressão contra o pré-consciente com ânsia de vir à tona. A resistência, na verdade, está em parte do Eu, inconsciente, descoberta essa que já havia sido feita por Freud (1915/1991) e escrita em alguns textos anteriores, como por exemplo, no texto O inconsciente. Atribuindo a compulsão à repetição ao recalcado inconsciente, constatamos que Freud reforça o que já havia dito sobre o inconsciente não ser apenas um órgão vestigial, mas algo de poder e força enormes e, em sua maior parte, desconhecidos.

O que podemos trazer para a nossa discussão então, sobre a conceituação que Freud faz acerca da compulsão à repetição? Consideremos então que Freud (1920/1991) indica que esta possui o caráter de pulsão, ou seja,

que é uma tendência engendrada por uma pulsão ou um conjunto de pulsões. É diferente da repetição pelo fato de que esta se situa a serviço do princípio do prazer, e aquela faz parte de um funcionamento que é primitivo e anterior, e por isso o desatende por completo.

É aqui que chegamos ao conceito de pulsões de morte, pelo fato de que Freud, ao tentar responder sobre a origem da compulsão à repetição, a partir dos sonhos de angústia e das neuroses traumáticas que repetem situações desprazerosas em qualquer sistema do aparelho mental, chega à formulação de que existe um conjunto de pulsões que buscam reestabelecer um estado anterior à vida. Freud chamou-as de pulsões de morte, tendo estas pulsões um caráter destrutivo que demonstra o poder que engendra a compulsão à repetição.

O complemento que Freud faz em 1920(1991) à sua teoria do psiquismo, a partir da descoberta da compulsão à repetição, é descobrir que existem um conjunto de pulsões que buscam um estado de não-vida através de longos caminhos, tentando garantir que o sujeito conclua um caminho definido para a morte, o que no entanto não é possível justamente pelo que Freud descreveu como inúmeros caminhos inerentes aos fenômenos da vida que acabam acontecendo. As pulsões de morte estão diretamente relacionadas às pulsões de vida. Estas compreendem o que foi anteriormente chamado de pulsões do Eu, ou pulsões de autoconservação, e as pulsões sexuais.

Eis aqui um ponto teórico importante para trabalharmos, pois a complementação do dualismo pulsional que ocorreu em 1920 com o texto Além do princípio do prazer passa pela revisão do conceito de Eu, que Freud (1900/1991, 1915/1991) instituiu nas primeiras publicações psicanalíticas, mas que vem passando por questionamentos desde os artigos sobre a metapsicologia.

Inicialmente a concepção das pulsões do Eu, era a de que as pulsões sexuais buscavam objetivos que eram destrutivos ao eu, que buscava proteger-se do funcionamento primário e fornecer forças censoras que permitissem um funcionamento afastado do desprazer. No entanto, Freud, já no texto Sobre o narcisismo: uma introdução (1914/1991), já se encontra com a dificuldade de responder a questão do investimento sexual no eu no narcisismo e sustentá-la dentro do primeiro dualismo pulsional.

Mas em 1920(1991), Freud declara que o Eu é o próprio reservatório de libido. Sendo assim, se as pulsões sexuais operam no Eu, não faz sentido falar em uma oposição entre eu e sexual. Na verdade, as pulsões de vida, ou Eros, tal qual Freud chamou, tem um caráter unificador, e se opõem às pulsões de morte justamente porque estas tem um objetivo destrutivo (embora acabem conduzindo à própria vida). Parece-nos que as pulsões de vida tais quais descritas por Freud (1920/1991), são justamente as pulsões que simbolizam a vontade de viver, e atrasam o objetivo final das pulsões de morte.

3.1 PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU: APRESENTAÇÃO DA OBRA

Freud começa o seu texto falando sobre a impossibilidade de separação entre a psicologia individual e a psicologia social. Quando se fala de um indivíduo, que é constituído a partir de um aparelho psíquico pautado no princípio do prazer, estamos falando, necessariamente, de um indivíduo que está, na vida, ligado à outras pessoas através das quais as trilhas pulsionais ganham força.

Toda psicologia é, necessariamente, social.

Existe aqui, segundo Freud, uma oposição entre o direcionamento de uma pulsão aos outros (família, pais) e para si mesmo (narcisismo), sendo o primeiro um aspecto social e o segundo individual.

O que é psicologia das massas? Freud vai dizer que esta aborda o indivíduo enquanto membro de um grupo, seja ele um grupo familiar, de sangue, organizado socialmente ou um grupo sazonal. É importante essa afirmação, pois talvez nos permita discutir alguns pontos teóricos sobre o próprio conceito de massa para Freud. Aqui ele propõe que, para a psicologia das massas, não só a massa é o que importa, muito embora, durante grande parte do texto é o que aparenta e é para onde sua atenção se volta. Talvez a partir disso, consigamos lançar luz sobre algumas afirmações de Freud partindo da análise das massas para pensar a sociedade como um grupo também regido por tais leis.

Existe uma diferença que é importante de ser apontada aqui. Em Totem e tabu, percebemos que a unidade de análise eleita por Freud é a analogia

entre selvagem e neurótico. É uma análise que, ora se debruça sobre os grupos, ora sobre a comparação entre selvagens e neuróticos. Já aqui, a análise se direciona sobre o indivíduo dentro da massa.

Pulsão social tem sua origem na família. A família surge aqui como o primeiro modelo de sociedade, ou sua primeira célula.

A psicanálise entende o indivíduo em suas relações sociais, e a partir destas, descobre os movimentos pulsionais que apontam para as questões mentais deste. Desta forma, coloca-se o empreendimento de tentar entender porque um indivíduo, quando está numa massa psicológica, se comporta de forma muito diferente do que esperaria-se dele.

É como se massa tivesse um espírito social único. Uma alma coletiva. Ali, o indivíduo se comporta de forma totalmente diferente.

O que une essa massa? Este elemento seria a essência da massa?

Freud relembra a sua teoria do inconsciente, segundo a qual o que podemos conhecer de nós mesmos é a apenas uma pequena parte, ínfima, perto do grande continente que está submerso e longe do acesso. É importante trazer que esse inconsciente é, segundo Freud, constituído de heranças e é a alma da raça. “Este sustrato incluye las innumerables huellas ancestrales que constituyen el alma de la raza” (Freud, 1921/1991, p. 70)

Observarmos assim que na massa, o indivíduo some, com suas características mais idiossincráticas. O indivíduo se torna um selvagem dentro da massa “Aislado, eras quizás um indivíduo culto; em la massa es um bárbaro, vale decir, uma criatura que actúa por instinto. Pose ela espontaneidade, la violencia, el salvajismo y también el entusiasmo y el heroísmo de los seres primitivos” (Le Bon, citado por Freud, 1921/1991, p. 73). As inibições diminuem e se abre a possibilidade de satisfação pulsional

O inconsciente racial vem à tona, algo que existe em comum em todas aquelas pessoas. Freud, a partir de Le Bon, levanta três causas para a formação das massas: Uma é o abaixamento das barreiras críticas. A hipótese é a de que os recalcamientos inconscientes se tornam mais fracos, pois o que temos é uma diminuição ou desaparecimento da consciência moral. Na massa, existe também o fenômeno do contágio, que pode acontecer com sentimentos e atos. E por fim, também temos a sugestionabilidade. Esta se assemelha à hipnose, porém é mais

poderosa porque acontece de ambos os lados da relação, não apenas em um lado. Assim, some sua personalidade.

Freud apresenta como esses três fenômenos da massa estão relacionados. A forma que o indivíduo se encontra dentro da massa é um estado hipnótico. O contágio é uma das consequências da sugestionabilidade, e se trata de algo mútuo dentro da massa, ou seja, que acontece entre os membros. Já a sugestionabilidade, que possui esse estado hipnótico, se deve a que?

Características da massa: apaixonada, impulsiva, inconstante, fácil de instigar, inconsequente, capaz de grandes atos pelo impulso do momento, não reconhece tarefa impossível, influenciável, crédula, sua capacidade de crítica é baixa, não possui dúvida ou incerteza e sua forma de linguagem é simples, por meio de imagens que se associam, e que não se assemelha ao pensamento racional. Recebe unicamente estímulos colossais. O inconsciente é o que a impulsiona. Pode ser tão resistente quanto obediente a autoridade, e possui um caráter conservador: resiste ao novo. É extremista em suas moções, seja o apoio a um ideal ou a revolução. São movidas por ilusões. Podem ser igualmente movidas a uma fidelidade muito grande ao que é correto, ou o contrário. Tudo sempre vivido em alto grau de intensidade. Ali, prevalece um tipo de realidade psíquica. Em qualquer multidão podemos observar a possibilidade se se formar uma massa psicológica.

Ahora bien, el fenómeno más notable – y al mismo tiempo el más importante – de la formación de massa es el incremento de la afectividad que provoca en cada individuo. Puede afirmarse, a juicio de McDougall, que los afectos de los hombres difícilmente alcanzan bajo otras condiciones la intensidad a que pueden llegar dentro de una massa; y en verdad es una sensación gozosa para sus miembros entregarse así, si barreras, a sus pasiones, y de ese modo confundirse en la massa, perder el sentimiento de su individualidad (Freud, 1921/1991, p. 80).

O contágio dentro da massa é o que gera esse aumento da afetividade. A possibilidade de uma percepção de símbolos transmitidos que desperta um afeto semelhante no outro. Pode haver um reforço do sentimento em ambos os lados e também o desejo de fazer a mesma coisa que o outro faz. Dessa forma, a massa substitui a sociedade e a consciência moral decai ao nível

daquela, “Dice que las inteligências inferiores hacen descender a su nível a las superiores” (Freud, 1921/1991, p. 81).

A massa necessita de um senhor, que por sua vez, precisa estar fascinado por uma ideia e um desejo muito grande. Dessa forma, se acha capaz de exercer uma atração semelhante a que o hipnólogo exerce sobre o hipnotizado.

Na obra Totem e tabu, Freud busca uma analogia entre os povos primitivos, os neuróticos e as crianças; em Psicologia das massas e análise do eu, Freud aponta uma semelhança entre esses três e o indivíduo que está em uma massa. Semelhante aos primitivos, são movidas pelos poderes mágicos das palavras. “Por tanto, se porta más bien como um niño malcriado o como um salvaje apasionado y desenfrenado em uma situación que le fuera extraña; em los casos peores, la conducta de la massa se asemeja más a la de uma manada de animales salvajes que a la de los seres humanos” (McDougall, citado por Freud, 1921/1991, p. 82).

As massas são capazes de grandes produções culturais, como a linguagem, as lendas, músicas populares, conforme Freud. As massas efêmeras são agudas, fortes e acabam rápido; as massas duradouras originam importantes instituições sociais. Falta organização àquelas, geralmente possuem apenas um pouco de organização suficiente para funcionarem, e a nelas é possível perceber várias características da psicologia coletiva (McDougall, citado por Freud, 1921/1991).

Segundo McDougall, para a massa se organizar a ir para além de sua constituição frágil, precisa atender os seguintes caracteres: continuidade, representação de sua natureza, relação com outras massas, tradições, divisão de atividades. Freud vai dizer que são basicamente características do indivíduo que se perderam dentro da massa. Assim, uma sociedade organizada seria formada por indivíduos tão organizados quanto. Observamos então a seguinte regra:

$$\begin{array}{ccc} \textit{inconsciente} & \rightarrow & \textit{massa} \\ \hline \textit{consciência} & \rightarrow & \textit{sociedade} \end{array}$$

O texto trata da importância da sugestão na manutenção da massa. A massa nos causa certa afeição para com os outros que nos deixam mais

sugestionáveis, haja visto que este é um fenômeno já observado na vida comum dos indivíduos. Diante disso, Freud traz o conceito de libido: uma energia pulsional referente a tudo do amor e todos os seus tipos. Deixa claro a natureza dessas pulsões como sendo mais amplo do que o da relação sexual. A hipótese proposta por Freud aqui, que não foi colocada por nenhum dos estudiosos estudados por ele, é que

O que está oculto por trás da sugestão dentro das massas é a libido.

A sugestão, segundo Freud, possui uma moção libidinal. Eros, a pulsão que liga as coisas, também seria responsável pela coesão na massa, e motivaria a afeição que sustenta a sugestão: concordo com ele porque eu o amo (Freud, 1921/1991).

Aprofundando sua análise das massas, Freud coloca dentro dessa significação mesmo as massas mais organizadas, duradouras e com tipos variados de pessoas, ultrapassando o conceito anteriormente colocado de que só existiriam massas efêmeras e de constituição simples. Traz os exemplos da igreja e do exército para explicar a diferença essencial que tem um senhor que lidere a massa.

Ambas as massas citadas são formadas artificialmente e mantidas coesas pela violência, e possuem um líder: Cristo para a igreja e o General para o exército. Existe a ilusão extremamente necessária de que o líder ama a todos. Jesus é um substituto de Deus pai, e como diz que todos são irmãos e representantes dele, a massa adquire um caráter valorativo a cada um. Quando nos debruçamos sobre a obra Totem e tabu, falamos sobre o totem como um substituto paterno (Freud, 1921/1991). Jesus aqui aparece com uma função similar. A ligação de Jesus com cada filho é o que fortalece a ligação entre os membros da massa igreja. No exército cada líder em cada hierarquia é um substituto paterno, e respira autoridade e respeito com cada membro da massa exército, o que exige o mesmo sentimento entre os soldados.

Argumenta-se que a concepção libidinosa de formação das massas não abarcaria o exército por causa da ideia de pátria, nação. Freud (1921/1991) evidencia, entre outras coisas, até que ponto não há uma ligação entre o

sentimento ingênuo de patriotismo e a posse de um líder vencedor e cuidador dessa nação. O caráter libidinal permanece aí, afirmamos.

A presença do mestre é a garantia de uma ligação libidinal com esse mestre e entre os membros da massa. Quando essa ligação libidinal se desfaz, resultando na dispersão da massa, se instaura a angústia de pânico. No indivíduo, a angústia é causada por um perigo ou igualmente pela ausência de laços libidinais.

É natural de cada massa a hostilidade com quem não faz parte desta, e isso podemos observar muito claramente na igreja. Isso é subjacente aos principais laços libidinais presentes nas massas: ligação com o mestre, e ligação entre os membros da massa.

Outra característica da massa é nesta também existe o sentimento de ambivalência, ou seja, o sentimento de amor incondicional que está na superfície enquanto existe embaixo um grande ódio e aversão. O ódio ao outro, de caráter narcisista, encontra barreira quando os indivíduos se afeiçoam uns aos outros na massa, o que caracteriza algo mais forte do que o amor a si mesmo. Ou seja, o amor dentro da massa é um fator cultural, ou seja, de organização e criação, visto que supera o amor por si ou mesmo o amor sexual, ambas correntes que remam contra o social.

Nesse contexto, voltamos a pensar a identificação, agora no contexto da psicologia das massas, visto que é o maior exemplo de amor ambivalente na criatura humana, vista ainda no Édipo, como já foi discutido anteriormente. O menino ama o pai, o toma por ideal, e posteriormente passa também a amá-lo, pois quer tomar o seu lugar e assim tomar o objeto de amor, a saber, a mãe.

Se comporta como um retoño de la primera fase, oral, de la organización libidinal, en la que el objeto anelado y apreciado se incorpora por devoración y así se aniquila como tal. El canibal, como es sabido, permanece em esta posición; le gusta {ama} devorar a su enemigo, y no devora a aquellos de los que no puede gustar de algún modo (Freud, 1921/1991, p. 99).

Freud (1921/2011, p. 300) sobre essa questão explica ainda:

Simultaneamente a essa identificação com o pai, talvez até antes, o menino começou a empreender um verdadeiro investimento objetal na mãe, do tipo “por apoio”. Ele mostra, então, duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe, um investimento objetal direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. As duas coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma à outra. Com o incessante progresso na unificação da vida psíquica, terminam por se encontrar, e desta confluência surge o complexo de Édipo normal.

A identificação, aqui, conforme o excerto, é ambivalente, pode mostrar-se em forma de ternura e também como desejo de eliminação. Configura-se em derivado da primeira fase, a fase oral da organização da libido, na qual o indivíduo incorporou, comendo, o objeto desejado e estimado, e assim o aniquilou enquanto objeto. O complexo de Édipo pode, segundo Freud, sofrer uma inversão, pois se, “o pai, numa postura feminina, seja tomado como objeto, do qual os instintos diretamente sexuais esperam sua satisfação, e assim a identificação com o pai se torna precursora da ligação objetal ao pai. O mesmo vale, com as substituições pertinentes, para a filha pequena” (Freud, 1921/2011, p. 300).

Percebemos em Freud, que a conexão entre os indivíduos da massa é devida a uma identificação mútua baseada em um fator emocional significativo compartilhado. Podemos supor que esse fator comum está relacionado ao tipo de vínculo com o líder. Outra hipótese nos sugere que ainda estamos longe de compreender completamente o problema da identificação e que estamos diante do processo conhecido na psicologia como 'empatia'. Este processo desempenha um papel crucial na nossa capacidade de entender aspectos das outras pessoas que são diferentes de nosso próprio Eu.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As duas obras até aqui descritas, “Totem e Tabu” e “Psicologia das massas e análise do eu” expressam cultura sob vieses que se assemelham, mas também se mostram em posições diferentes. Em Totem e tabu Freud apresenta a origem da religião e da sociedade; em Psicologia das massas e análise do Eu, há um direcionamento teórico que visa elucidar a natureza dos laços sociais. Essa questão é posta na obra como fundamental para a compreensão da identificação na cultura. Percebemos, uma certa renúncia pulsional como condição da civilização e, portanto, da irreducibilidade do conflito entre indivíduo e cultura.

Em se tratando de “Totem e Tabu”, o totemismo, acaba por desembocar em regras que versam sobre o comportamento sexual. Tendo os irmãos e irmãs do clã o mesmo ancestral e mesmo sangue, a relação sexual enquanto defloração (ato relacionado a sangramento) é consequentemente proibida. Alguns autores falham em tentar dar explicações sobre a origem do tabu do incesto em questões práticas. Da mesma forma, não faz sentido atribuir o horror ao incesto a um caractere natural, haja visto que a consumação deste não seja um ato impossível ou mesmo raro de acontecer. “A interdição do incesto e a castração marcam o limite mínimo entre o estado de natureza e o de cultura” (Soria, 2012, p. 125).

Daí então, avançamos para pensar: só se é proibido o que possui um alto risco de que seja cometido.

Com Totem e tabu, o Complexo de Édipo não se limita ao psiquismo individual, mas torna-se uma questão a que todo o corpo social deve responder para chegar a cultura. Apenas uma resposta é possível: a sociedade tem de se constituir com um

sistema de proibições que impede o retorno ao primeiro objeto de desejo. (Soria, 2012, p. 124)

Nesse sentido, Freud explica que para tornar-se um sujeito social, reconhecido pela sociedade e pela cultura de determinado grupo, se fazia necessário renunciar ao objeto primitivo de desejo. Na obra, esse processo demarcava a transição da fantasia em materializar o desejo, dominada pelo princípio de prazer para a renúncia da satisfação ilimitada, onde passava-se a reconhecer as normas do princípio da realidade. Proposição esta compartilhada também por Monzani (2011).

O desejo mesmo não pode se entender senão na medida em que ele corresponde a uma lei de organização. Mas o sonho da endogamia não deixa de ser fascinante e isso por meio de um duplo movimento: amor e ódio (ambivalência) – o super ego (consciência moral). Não somente o crime é fundador; ele também rodeia a todo instante. (Monzani, 2011, p.32).

Conforme menciona o autor, no momento em que o princípio da realidade se estabelece, o princípio o prazer passa a ser concebido como assustador, proibido, numa concepção de medo, seguido por sentimento de culpa. Monzani (2011) explora a complexidade do desejo humano e sua relação com a estrutura psíquica e social. Este autor sugere que o desejo humano só pode ser compreendido se considerarmos que ele obedece a uma certa estrutura ou "lei de organização". Isso implica que o desejo não é caótico ou aleatório, mas segue padrões que podem ser analisados e entendidos.

Monzani (2011) menciona o "sonho da endogamia", que pode ser interpretado como um desejo arcaico ou primitivo de se voltar para dentro do próprio grupo ou família, um conceito frequentemente abordado na psicanálise em relação a tabus e desejos proibidos. Esse desejo é visto como fascinante e se manifesta através de uma dualidade de sentimentos: amor e ódio.

A ambivalência (amor e ódio simultâneos) é destacada como uma característica fundamental do desejo humano. Essa ambivalência é mediada pelo superego, que representa a consciência moral e internaliza as normas sociais e culturais. O superego, portanto, regula os desejos, impondo limites e gerando conflitos internos.

Monzani (2011) afirma que o crime não apenas tem um papel fundador na sociedade (provavelmente se referindo ao mito freudiano do assassinato do pai primordial, que funda a lei e a moralidade), mas também está sempre presente ao redor. Isso sugere que os impulsos transgressivos e criminosos são uma constante na psique humana, sempre presentes e influenciando o comportamento.

Em suma, o autor explora a ideia de que o desejo humano é estruturado por leis e regulado pela moralidade, enquanto simultaneamente é atraído por impulsos transgressivos e ambivalentes, como amor e ódio, que são mediados pelo superego. A presença constante do crime como uma força ao redor sublinha a natureza complexa e, muitas vezes, conflitante do desejo.

Explicando a teoria exposta na obra pela perspectiva de Freud, expressa ainda:

Mas o sacrifício é o alimento tanto da tribo quanto do deus; a partir disso Freud deduz o núcleo de seu argumento, isto é, a noção de que o clã, o deus e o animal sacrificado pertencem à mesma linhagem. Daí a considerar que o animal tenha sido originalmente o deus, e que o sacrifício repetiria a morte deste, é um passo fácil, tanto mais que o ato de consumir a carne do animal/deus reforça a identidade entre ele e a tribo (Mezan, 2019, p. 377).

No excerto, Mezan (2019) elucida algumas ideias centrais das teorias de Freud sobre o totemismo e o sacrifício. Começa ressaltando que, na prática do sacrifício, tanto a tribo quanto o deus são "alimentados". Isso indica que o sacrifício tem um papel vital tanto para a comunidade humana quanto para a divindade, fortalecendo a ligação entre os dois.

Freud deduz que o clã (tribo), o deus e o animal sacrificado pertencem à mesma linhagem. Esta ideia é fundamental para entender as origens dos rituais de sacrifício e do totemismo, onde o totem (animal) é visto como um ancestral ou um representante espiritual do clã.

Mezan (2019) sugere que Freud considera que o animal sacrificado pode ter sido originalmente concebido como o deus. O sacrifício do animal seria, então, uma repetição simbólica da morte desse deus. Esse ato reforça a conexão entre o deus e a tribo.

Ao consumir a carne do animal/deus, a tribo reforça a identidade entre eles e o deus. Este ato de consumo é visto como uma forma de internalizar as qualidades do deus e fortalecer a coesão do clã. Mezan (2019) explica que, segundo Freud, o sacrifício é uma prática que une a tribo, o deus e o animal sacrificado em uma linhagem comum. O ato de sacrificar e consumir o animal reforça a identidade e a coesão do clã, ao mesmo tempo que reitera a morte simbólica do deus.

Os dois tabus do totemismo deram origem à ética da humanidade. Sobre isso, Monzani (2011, p. 245) diz: “Enfim, por mais que rodeemos, há sempre um ponto cardeal de toda a civilização: o Complexo de Édipo. E, também, de cada indivíduo particular”. Nesse sentido, a estrutura da sociedade é profundamente influenciada por esse fator. Podemos afirmar que a organização social surge como resultado de um ataque realizado por indivíduos sob intensa excitação sexual. Isso revela que o processo de civilização é, por natureza, conflitante e inerentemente neurótico. Os irmãos sentem-se culpados devido à ambivalência de seus sentimentos, e ao mesmo tempo, o poder se torna sagrado. Por essa razão, o crime permanece uma possibilidade constante.

Agora entendemos por que o parricídio é essencial para a criação da cultura: ele nos introduz ao mundo da culpa e da renúncia. Passamos de um estado de força bruta para um contexto de relacionamentos baseados em alianças e solidariedade, caracterizando uma sociedade fundamentada no direito.

De qualquer forma, há evidências de que o "desejo do incesto" existe em todas as sociedades, especialmente nas sociedades primitivas, que tinham uma verdadeira obsessão contra o incesto, conforme veio apontando Freud (1913/1991). Dentro da lei exogâmica, a proibição do incesto é um elemento fundamental na formação da família e, conseqüentemente, das estruturas individuais.

Desse modo, essa proibição representa uma verdadeira transição entre a natureza e a cultura. A civilização surge, assim, do recalque, e é por isso também que a questão de Édipo deve ser abordada em termos psicológicos individuais, sendo crucial para o desenvolvimento da cultura. Nessa acepção, ou há caos, com a realização imediata da pulsão, ou há uma sociedade organizada, que é incompatível com a satisfação imediata. É por isso que as primeiras

instituições sociais promulgaram tantas interdições: temiam o incesto mais do que nossa sociedade atual, porque essas instituições canalizaram e organizaram a rivalidade. Isso confirma que o processo civilizatório é neurótico em sua essência.

Tais proposições, colocadas por Monzani (2011), inspiradas na teoria de Freud, sugerem que a instância de interdição direciona a pulsão sexual imediata, estabelecendo uma lei no indivíduo. Dessa forma, a "questão de Édipo" não se limita ao desenvolvimento individual, mas é uma questão crucial para todo o "corpo social" alcançar o estado de civilização, vivendo em condições de estabilidade e simbolização.

O desejo só pode ser compreendido na medida em que corresponde a uma lei de organização. O sonho da endogamia continua fascinante devido ao duplo movimento de amor e ódio (ambivalência) - e ao superego (consciência moral). O crime não só é fundador, mas está sempre presente. Assim, a interdição do incesto, em seu caráter imperativo, é a condição essencial para a transição da natureza para a cultura. Existem, na verdade, duas condições de possibilidade: 1) a troca social; e 2) o sonho da endogamia (a concentração de pequenos grupos).

Percebemos em Freud (1913/1991) não porque o incesto é conscientemente condenado, mas como ele é inconscientemente desejado. Em "Totem e Tabu", essa obra é vista como uma hipótese sobre a proibição do incesto e suas origens. Como todo mito, "Totem e Tabu" possui uma grande força dramática e pode ser interpretado de duas maneiras: a) o desejo pela mãe ou irmã, a morte do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem necessariamente a eventos reais; b) esses elementos são expressos de forma simbólica, tanto duradoura quanto antiga.

O prestígio desse sonho, com seu poder de influenciar os pensamentos das pessoas, vem precisamente do fato de que os atos por ele sugeridos nunca são realmente realizados, já que a cultura está sempre presente para impedir. As satisfações simbólicas não são nada mais do que a expressão da desordem, ou melhor, da contraordem. Assim, o sentimento social baseia-se na transformação de um sentimento originalmente hostil em uma conexão positiva, fundamentada na identificação (nesse sentido, a justiça social implica a satisfação fora do desejo) (Freud, 1913/1991).

Esse processo de transformação, sob a influência da ligação comum, forma a base da ternura para com a pessoa externa ao grupo. É por isso que o homem é um animal de ordem doméstica, pois o complexo de Édipo está sempre à espreita, pronto para emergir e afirmar sua influência. De qualquer forma, o passado está sempre presente, seja de forma virtual ou atual (Freud, 1913/1991).

Em totem e tabu, Freud (1913/1991) explora as condições necessárias para que a transição da natureza para a cultura fosse possível. Freud aborda uma ciência verdadeiramente humana ao incluir o respeito no processo coletivo. Ele não apenas afirma que os primórdios da humanidade conduzem a passagem da natureza para a cultura, mas também que essa transição ocorre continuamente, embora de maneira oculta.

O poder coletivo, segundo Freud (1913/1991), é precisamente a capacidade de transformar a natureza exterior. Isso implica recriar as condições básicas que existiam no início da história. Portanto, é como se recriássemos as condições fundamentais para que a passagem da natureza para a cultura fosse realizada: o poder. Esse passo significativo permite a formação de um novo poder coletivo capaz de produzir a história.

Eis então o que funda o social. Renúncia ao desejo sexual. Sobre isso, Balint (citado por Monzani, 2011, p. 245) diz: “Enfim, sem as limitações sexuais (impostas pelos próprios indivíduos), não existiria civilização”. Interessante concordar com os autores no aspecto arbitrário de tais limitações. Ora veja, durante todo Totem e tabu, Freud sempre vai apontando para comportamentos dos povos primitivos nos quais eles mesmos sustentavam as proibições e tabus, por exemplo através das punições. As mãos dos irmãos se faziam aqui, mãos divinas, prontas para neutralizar o indivíduo que se apresentou como risco para a coesão do grupo.

Aqui está, no mesmo contexto, a morte do pai como um acontecimento que funda um grupo. Sobre isso, é interessante observar, com Monzani, (2011, p. 244), que os filhos não estavam proibidos de buscarem outras mulheres ou de constituírem outros clãs. Avaliando a situação, pelo contrário, a proibição de tomar as mulheres do Pai era a condição de possibilidade de uma ordem social que poderia se espalhar para além daquele único grupo.

Monzani (2011) também vai dizer que o assassinato do pai, como condição para o surgimento do grupo, une os filhos em um laço libidinal de ódio por este pai morto. Este só é possível enquanto assassinado. É assim que se torna um pai, um substituto do totem. Aqui temos a possibilidade de um Estado de direito, onde o crime é até objeto de reflexão, porém proibido. O laço social é possível a partir da renúncia ao objeto desejado. “O ódio comum dos membros excluídos os transforma em irmãos, bem como o assassinato do chefe onipotente o transforma em pai” (Soria, 2012, p. 117)

O totem então é a promessa de segurança e amparo do pai morto, mediante a condição de não transgredir a ordem deixada por esse pai. Por isso Freud dizer que o pai morto se torna mais forte do que o pai vivo, pois é capaz de manter sua ordem cumprida após sua morte, o que não aconteceu enquanto vivo. E deixou o fundamento da sociedade, da ética e das religiões. Sendo o totemismo surgido da culpa pelo assassinato do pai, as religiões que surgiram então são formas e tentativas de lidar com essa culpa através da obediência de efeito retardado.

A proibição do acesso ao objeto desejado é então, a única forma de possibilitar paz e convivência social entre as pessoas.

Para lidar com o caráter hipotético do mito da horda primordial, Freud pensa em uma hereditariedade, uma espécie de alma coletiva ou de disposições psíquicas herdadas. A grande questão é a ausência de um dado material e factual, um ponto zero de origem da cultura e da humanidade. A morte do pai é o elemento que ocupa o lugar do zero nessa equação. Sobre isso, Mezan diz: “para isso, são preciso dois elementos: a introdução de um terceiro e a identificação recíproca dos membros do clã. Freud supõe que o mesmo ato introduz esses dois elementos: o terceiro será o pai morto, e a identificação recíproca nasce do ato cometido em comum” (Mezan, 2019, p. 381).

O ato mítico de assassinato do pai é o que gera a identificação através da culpa e da ternura. Os irmãos se sentiram na obrigação de fundar uma organização na qual o pai jamais fosse assassinado novamente, e que suas mulheres jamais seriam tomadas. Tanto o Édipo quanto a cultura são inaugurados em um ato mítico: a morte do pai. Essa é a resposta que Freud dá à origem da cultura, que não possui possibilidade de comprovação empírica, e é a pergunta

perseguida até hoje pelos pensadores e cientistas, a pergunta sobre a origem do homem. Junto a este, se implicam tanto a criatura quanto a cultura que a cria e que por esta é criada. É uma teoria que se sustenta numa relação com o que não está. O crime aqui dá origem aos contratos sociais, à noção de igualdade. Há a necessidade de evitar que o crime aconteça novamente. Ao morrer o pai, existe uma transformação psíquica nos irmãos da horda (Mezan, 2019), através do desejo inconsciente e da culpa no contexto da necessidade de manter uma coesão e de evitar o assassinato e consumação do ato. Não há acesso real a esse marco zero civilizatório.

Mas não deixa de ser curioso que, por vias certamente muito diferentes, a reflexão etnológica contemporânea reencontre o problema ao qual Freud procura dar uma solução, ou seja, a mediação necessária do ausente como condição de possibilidade do vínculo social: é por essa forma que a situação imaginariamente exterior do foco do poder, em relação ao presente e à sociedade, permite a instauração de uma comunidade de iguais (Mezan, 2019, p. 38)

Desejo e ódio → assassinato → culpa e ternura → linguagem e ordem social (cultura).

O nascimento da cultura também é marcado pelo nascimento da linguagem, sua única possibilidade de operacionalização. A busca pela organização social após a morte do pai só é possível com algum nível de comunicação. Ela vem como uma tentativa de expressar o que há no pensamento consciente, porém profundamente marcada pelas formações do inconsciente, que surgem à revelia do ser que fala. Então, surge como possibilidade de cultura, mas sobretudo dando carne a um mundo inconsciente que só sabe desejar, e que pretende vir à tona.

A ordem social surge principalmente mantida pela consciência moral advinda da culpa pela morte do pai, e substitui a ordem imposta de forma rudimentar pela tirania do pai. A partir do recalçamento do desejo pelas mulheres da horda, o individual é domesticado em prol do social.

Para conter o estado original, a cultura deve dissociar amor sexual e amor inibido em sua finalidade e abrir caminho para a escolha de objetos que substituam aquilo que mais se ama: a lei que

regula o convívio dos irmãos é um princípio contra o amor ao objeto original, pois antevê nele o crime e a violência indefinidamente repetidos (Soria, 2012, p. 37)..

A sociedade tem uma estruturação de ordem neurótica. Um grande conjunto de trocas simbólicas nas quais há formações de compromisso, processos secundários coerentes e ordenados, fazendo superfície a um emaranhado de desejos recalcados e inconscientes que são nocivos à ordem social, eventualmente se distorcem e buscam satisfações deslocadas, ou vem à tona em formações adoecidas e que são punidas ou medicalizadas.

Nessa acepção, na formação da ordem social, o assassinato do pai da horda tem um valor emocional significativo, mas as relações incestuosas representariam um obstáculo maior à organização social. Isso ocorre porque tais relações gerariam conflitos entre irmãos que competiriam pelo acesso às mulheres. A solução encontrada para manter a ordem social foi o compromisso coletivo de não tomar as mulheres da própria horda, respeitando assim a proibição estabelecida pelo pai morto. A citação sugere que essa proibição é fundamental para a coesão social, ao contrário do que ocorreria em uma horda de cavalos, onde tal organização social não seria sustentável.

O dilema para o homem na cultura seria o seguinte: da mesma forma que um filho nasce de dois indivíduos distintos (o aspecto individual), o real histórico coletivo surge de um fator coletivo primordial (a horda primitiva), cuja origem permanece oculta na história. Neste contexto, a figura do Outro se apresenta como um modelo sintético da minha relação social, pois o presente o inclui como aquilo de onde seu significado se origina. Aqui se origina tanto a religião quanto a moral. Assim, encontramos: 1) de um lado, apenas uma psicologia individual no pai; 2) por outro lado, apenas uma psicologia coletiva na horda.

É exatamente este o nó a desatar: a psicologia individual e a psicologia coletiva. Condições de representação (e não condições de representabilidade), portanto, correspondem a uma questão transcendental e alheia ao freudismo. É nesse sentido que a natureza, tanto própria como exterior, fornece as condições de representatividade, como bem pontua Monzani (2011).

Sob este aspecto retoma-se a obra “Psicologia das massas e análise do eu” para mencionar cultura exposta por Freud:

Os indivíduos da massa eram tão ligados como hoje, mas o pai da horda primeva era livre. Seus atos intelectuais eram fortes e independentes mesmo no isolamento, sua vontade não carecia do reforço dos demais. Supomos, conseqüentemente, que seu Eu tinha poucos laços libidinais, ele não amava ninguém exceto a si mesmo, ou amava outros apenas enquanto satisfaziam as necessidades dele. Seu Eu não dava nenhuma sobra para os objetos. No princípio da história humana ele era o super-homem, que Nietzsche aguardava apenas para o futuro. Ainda hoje os indivíduos da massa carecem da ilusão de serem amados igualmente e justamente pelo líder, mas este não precisa amar ninguém mais, é-lhe facultado ser de natureza senhorial, absolutamente narcisista, mas seguro de si e independente. Sabemos que o amor refreia o narcisismo, e poderíamos demonstrar que em virtude disso tornou-se fator de cultura (Freud, 1920/2011, p. 67).

Como observado, Freud (1920/2011), explora a figura do líder na horda primitiva e suas implicações psicológicas e sociais. Ele sugere que o pai da horda inicial tinha uma posição de poder e independência significativas. Esse líder não estava emocionalmente ligado aos outros membros da horda de maneira afetiva ou amorosa, mas sim de forma utilitária, buscando principalmente satisfazer suas próprias necessidades. O autor compara esse líder a uma espécie de "super-homem", uma figura que Nietzsche imaginava como superior e independente, focada em seus próprios interesses sem se preocupar com o afeto dos outros.

Ao relacionar essa dinâmica com os indivíduos contemporâneos em uma massa, Freud observa que muitos ainda buscam a ilusão de serem amados igualmente pelo líder, enquanto o líder em si pode ser visto como alguém com características narcisistas e senhoriais, que não depende emocionalmente dos outros. Percebemos ainda que, o amor, ao contrário do narcisismo, desempenha um papel crucial na cultura ao moderar essas tendências egoístas e promover relações mais complexas e civilizadas entre os indivíduos, segundo explica o autor.

Durante a formação de uma massa, e enquanto essa formação persiste, os indivíduos agem como se fossem homogêneos, aceitam a singularidade do outro, se igualam a ele e não sentem aversão por ele. De acordo com nossas teorias, essa redução do narcisismo só pode ser causada por um

fator: a ligação libidinal com outras pessoas. O amor-próprio encontra limites apenas no amor aos outros e aos objetos.

Seria, então, uma comunidade de interesses, por si só e sem qualquer contribuição libidinal, pode realmente levar à tolerância e consideração pelo outro? A resposta é que essa abordagem não cria uma limitação permanente do narcisismo, pois a tolerância não dura além das vantagens imediatas da cooperação. No entanto, essa disputa tem menos importância prática do que se imagina, pois, a experiência demonstra que em situações de colaboração, frequentemente surgem vínculos libidinais entre os membros, prolongando e fortalecendo a relação para além dos benefícios imediatos.

Nas relações sociais, observa-se o mesmo fenômeno identificado pela investigação psicanalítica no desenvolvimento da libido individual. A libido baseia-se na satisfação das necessidades vitais e escolhe como primeiros objetos as pessoas envolvidas nesse processo. Assim como no indivíduo, o amor desempenha um papel cultural crucial no desenvolvimento da humanidade, promovendo a transformação do egoísmo em altruísmo. Esse amor manifesta-se de duas formas: o amor sexual à mulher, que traz consigo a obrigação de respeitar o que é valioso para ela, e o amor dessexualizado aos outros homens, sublimado e homossexual, vinculado ao trabalho coletivo.

Portanto, quando observamos restrições ao narcisismo dentro de uma massa, que não existem fora dela, isso indica que a formação da massa é essencialmente constituída por novas ligações libidinais entre seus membros.

Nesse contexto, surge a questão de que tipo de ligações são essas dentro da massa. Até agora, a teoria psicanalítica das neuroses tem se concentrado quase exclusivamente nas ligações que os instintos amorosos estabelecem com seus objetos, quando ainda buscam fins sexuais diretos.

Na massa, os fins sexuais são claramente irrelevantes. Estamos lidando com instintos amorosos que, embora desviados de suas metas originais, mantêm sua energia. Observamos, no contexto do investimento sexual habitual, fenômenos que indicam um desvio do instinto em relação aos seus objetivos sexuais. Descrevemos esses fenômenos como graus de enamoramento, reconhecendo que eles envolvem uma certa diminuição do Eu.

Agora, dedicaremos mais atenção a esses fenômenos de enamoramento, na esperança fundamentada de encontrar condições que possam ser aplicadas às ligações existentes nas massas. Além disso, queremos entender se esse tipo de investimento de objeto, como o conhecemos na vida sexual, é a única maneira de estabelecer uma ligação afetiva com outra pessoa, ou se devemos considerar outros mecanismos.

A psicanálise nos ensinou que existem outros mecanismos de ligação afetiva, chamados de identificações, que são processos insuficientemente conhecidos e de difícil descrição. A investigação desses mecanismos nos afastará temporariamente do tema da psicologia das massas.

Dito isto, em face do que foi analisado até aqui acerca das duas obras escolhidas para esta pesquisa, percebemos que, em "Totem e Tabu", Freud explora a origem e o desenvolvimento da cultura a partir de uma perspectiva psicanalítica e antropológica. Ele relaciona as práticas culturais e religiosas primitivas com os processos psicológicos inconscientes.

Em se tratando de Psicologia das Massas e Análise do Eu", Freud explora a cultura como um fenômeno emergente das dinâmicas psicológicas que ocorrem dentro de grupos humanos. Ele apresenta diversas ideias e conceitos sobre como a cultura se forma e é mantida pela interação entre indivíduos e massas.

Para melhor visualização do que expressamos aqui, no quadro 1 e 2, a seguir, sintetizamos o conceito de cultura, a partir das duas obras de Freud, em suas especificidades, onde em momentos diferenciam-se, mas muitas vezes se assemelham:

Quadro 1: Cultura em "Totem e Tabu"

CULTURA EM TOTEM E TABU [1913]	
TOTEMISMO E TABU	Uma forma primitiva de religião, um animal totêmico é venerado. Os tabus, são normas sociais que regulam o comportamento dos indivíduos dentro de um grupo.

CULPA E RELIGIÃO	Após um parricídio o experimento da culpa, seguido da criação religiosa para controle emocional e coesão social.
RELAÇÃO COM O PAI PRIMEVO	A figura paterna como ponto central na formação da cultura.
PROIBIÇÃO DO INCESTO	Proibição do incesto como pilar da cultura. Reprimir desejos se faz necessário para manter a ordem social. O tabu como forma de lei e moralidade.
RITUAL E REPETIÇÃO	Os rituais totêmicos e tabus são maneiras de repetir e simbolicamente lidar com o trauma original do assassinato do pai. Cultura como forma de controlar e canalizar os desejos e impulsos inconscientes.
PSICANÁLISE E ANTROPOLOGIA	Métodos psicanalíticos interpretam fenômenos antropológicos.

Fonte: criação do ator com base em Freud (1913).

Quadro 2: Cultura em “Psicologia das Massas e análise do eu”

CULTURA EM “PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU” [1920]	
FORMAÇÃO DAS MASSAS E IDENTIFICAÇÃO	Cultura baseada na formação de massas. Sujeitos se identificam com os outros. Criação de normas sociais culturais.

LIGAÇÃO LIBIDINAL	A cultura se sustenta por ligações libidinais – afetivas. Ligações dessexualizadas. Transformação do egoísmo em altruísmo. Cooperação social.
NARCISISMO E ALTRUÍSMO	A cultura exige uma limitação do narcisismo individual, substituindo o amor-próprio pelo amor aos outros. Essa transformação é crucial para o desenvolvimento de uma sociedade funcional e harmoniosa.
PAPEL DO LÍDER	A cultura do líder como figura central na formação de cultura. A ordem e as normas culturais a partir do líder.
FUNÇÃO DA RELIGIÃO E MORAL	Religião e moral como produtos culturais criados pela dinâmica das massas.
TRANSFORMAÇÃO DA PULSÃO	A cultura como resultado da transformação das pulsões humanas básicas. Pulsões sexuais e agressivas são sublimadas e canalizadas em atividades culturais, como o trabalho, a arte e a religião.
CONFLITO E REPRESSÃO	A cultura é inerentemente conflitual. A repressão das pulsões individuais em favor das necessidades coletivas gera tensões e neuroses, mas também é essencial para a formação de uma civilização estável.

Fonte: criação do ator com base em Freud (1921).

Como observamos o ilustrado em quadro 1, a partir de “Totem e tabu”, Freud propõe a origem da cultura, descrevendo que esta surgiu a partir de eventos traumáticos e universais, especificamente o assassinato do pai primevo por seus filhos na horda primitiva. Esse evento mítico é central para a formação das estruturas sociais e culturais. Logo, pensar cultura é entender, naquele contexto temporal do teórico que o Totemismo e Tabu se constituíam uma forma primitiva de religião, onde um animal totêmico é venerado e considerado sagrado. Os tabus, especialmente o tabu do incesto, são normas sociais que emergem para regular o comportamento dos indivíduos dentro da tribo. O totemismo e os tabus são vistos como os primeiros sistemas de leis e moralidade (Freud, 1913/1991).

Outro aspecto essencial debatido por Freud, na obra em análise é a culpa e a religião, uma vez que, após o assassinato do pai primevo, os filhos experimentam culpa e arrependimento, levando à criação de rituais totêmicos e tabus. Esses sentimentos de culpa e a necessidade de expiação são fundamentais para o desenvolvimento da religião. Freud sugere que a religião serve para canalizar e controlar essas emoções, contribuindo para a coesão social (Freud, 1913/1991).

Percebemos na obra a relação com o Pai Primevo, isto é, essa figura como ponto central na formação da cultura. Sua morte simbólica e subsequente deificação pelos filhos refletem o conflito entre a submissão à autoridade e o desejo de liberdade. Este conflito é internalizado e se manifesta na estrutura da sociedade e na psicologia individual. Ainda nesse entrelace familiar, a proibição do incesto se mostra um dos pilares fundamentais da cultura nesta obra de Freud.

Segundo Freud (1913/1991), a repressão do desejo incestuoso é necessária para a manutenção da ordem social e para a formação de laços sociais fora do núcleo familiar. Este tabu é uma das primeiras formas de lei e moralidade que diferenciam a natureza bruta da cultura civilizada, segundo narra o autor na obra.

Ainda conforme destacado no quadro 1, o ritual totêmico e a religião são maneiras de repetir e, simbolicamente, lidar com o trauma original do assassinato do pai. Esses rituais servem para reafirmar os valores culturais e

manter a coesão social. Freud vê os rituais como uma forma de controlar e canalizar os desejos e impulsos inconscientes.

Por fim, sobre a obra sintetizada no quadro 1, destacamos a Psicanálise e Antropologia, dois elementos entrelaçados em "Totem e tabu". Freud utiliza métodos psicanalíticos para interpretar fenômenos antropológicos. Ele argumenta que os mesmos processos inconscientes que governam a mente individual também influenciam a formação das culturas. A psicanálise, portanto, oferece uma chave para entender as origens e o desenvolvimento das estruturas culturais e sociais (Freud, 1913/1991).

Nessa lógica, "Totem e Tabu", a partir do olhar de Freud, trata a cultura como um sistema complexo que surge de eventos traumáticos e é sustentado por processos psicológicos inconscientes. Ele conecta a religião, a moralidade, os tabus e os rituais à necessidade de controlar e canalizar impulsos humanos primitivos, especialmente aqueles relacionados à violência e à sexualidade.

No que se refere à "Psicologia das massas e análise do eu", Freud (1921/2011), explica que a cultura se baseia na formação de massas, onde os indivíduos se identificam uns com os outros e com um líder comum. Essa identificação é fundamental para a coesão social e para a criação de normas culturais. Nessa perspectiva, o teórico narra que a cultura é sustentada por ligações libidinais (afetivas) entre os membros da massa. Essas ligações são dessexualizadas e sublimadas, resultando em uma coesão social que transforma o egoísmo em altruísmo e permite a cooperação e a solidariedade.

Outros elementos fundamentais descritos por Freud na obra trata-se do narcisismo e altruísmo. Segundo aponta, a cultura exige uma limitação do narcisismo individual, substituindo o amor-próprio pelo amor aos outros. Essa transformação é crucial para o desenvolvimento de uma sociedade funcional e harmoniosa (Freud, 1921/2011).

Um ponto muito relevante na análise da obra, apontada também no quadro 2, diz respeito ao papel do líder. O líder de uma massa desempenha um papel central na formação da cultura. Freud compara o líder ao "pai primevo", que é idealizado e visto como uma figura autoritária que todos devem seguir. Essa figura do líder é crucial para a manutenção da ordem e das normas culturais (Freud, 1921/2011).

A função da religião e da moral é vista por Freud como produtos culturais que emergem das dinâmicas das massas. Ele sugere que esses sistemas de crenças e valores servem para regular o comportamento dos indivíduos e manter a coesão social (Freud, 1921/2011).

Psicologia das massas e análise do eu reflete sobre a cultura se constituir enquanto resultado da transformação da pulsão humana básica. Ele argumenta que as pulsões sexuais e agressivas são sublimadas e canalizadas em atividades culturais, como o trabalho, a arte e a religião.

Demarcando os elementos conflito e repressão, Freud também reconhece que a cultura é inerentemente conflitual. A repressão das pulsões individuais em favor das necessidades coletivas gera tensões e neuroses, mas também é essencial para a formação de uma civilização estável. Nesse sentido, em a “Psicologia das massas e análise do eu”, a cultura é descrita como um fenômeno complexo que emerge das interações psicológicas dentro de massas humanas. Freud, explica a importância das ligações libidinais, da identificação com líderes, e da transformação das pulsões básicas como fundamentos para a coesão social e o desenvolvimento cultural.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO: O QUE SERIA, ENTÃO, CULTURA E SOCIEDADE NUMA PERSPECTIVA FREUDIANA NAS SUAS OBRAS DATADAS DE 1913 A 1921?

Talvez falte a Freud em Totem e tabu, a concepção de que não é apenas a proibição do desejo inconsciente que é produzido tanto no neurótico quanto na cultura, mas as próprias instituições em si. Freud coloca toda a cultura como obra do recalçamento, mas não só o recalçamento pode ser visto como necessário, mas também toda a produção de sentidos que escapam daí, como linhas que desenham a própria cultura, tanto a nível de obediência quanto a nível de produção do novo. Mezan fala sobre o foco do trabalho freudiano na proibição e o que acaba ficando de fora de sua análise

O que falta é a dimensão positiva do tabu, isto é, o fato de que ele institui entre o indivíduo e o objeto ou ação-tabu uma mediação social; da mesma forma que no caso da exogamia, Freud é o mais sensível ao elemento proibição que ao elemento obrigação, já que a proibição de tomar mulher no seio do clã obriga o indivíduo a procurá-la alhures (Mezan, 2019, p.362).

Sobre isso, Smadja¹, também fala: a proibição do desejo inconsciente produz um mundo cultural, e isso é necessariamente um aspecto positivo (ou produtivo) de toda a questão. Temos um mundo com o qual lidar, e na produção frequente dessas culturas, há o inconsciente de cada um em sua imbricação com o social. Arriscamos ir um pouco mais além do que Mezan diz acima, sobre o que

se coloca entre o indivíduo e o objeto como mediação social. Afirmamos que, observamos três eixos de relação posta na sociedade que são:

- *A criatura humana;*
- *A cultura;*
- *O desejo inconsciente.*

Esses três eixos estão indissociavelmente misturados e inseparáveis.

Segundo Freud, o narcisismo não é paralelo ao animismo, mas seu causador. O Édipo funda a religião. Freud acaba usando o termo paralelo pois acredita que isso pode ser invertido. Assim como o psíquico funda o social, a criatura humana reproduz a cultura. Mezan (2019) vai dizer que a inversão é só aparente, e que os processos culturais são apenas correspondentes aos psíquicos. Freud trabalha com dois axiomas contraditórios e ambos contestáveis em sua universalidade. Um é que o sexual é a causação, e o outro é que a filogênese vem primeiro. O que percebemos é a dificuldade de responder quem vem primeiro, a cultura ou o recalque.

Assim, na perspectiva freudiana, entre 1913 e 1921, a cultura e a sociedade são compreendidas como construções que emergem da necessidade de regular e canalizar os impulsos e desejos humanos primitivos, principalmente aqueles relacionados à sexualidade e à agressividade. Logo, a cultura é vista como uma resposta à necessidade de regular os desejos e impulsos humanos. O mito do assassinato do pai primevo e a subsequente criação dos totens e tabus simbolizam a transição da natureza para a cultura.

Percebemos que a cultura e a sociedade são influenciadas pelas pulsões de vida (Eros) e de morte (Tânatos). A pulsão de vida promove a coesão e a criação, enquanto a pulsão de morte está associada à destruição e à agressividade. Pensamos então que, a sociedade nesse imbricamento com a cultura, é uma construção que emerge da necessidade de regular os desejos e impulsos humanos. É sustentada por tabus, leis e instituições que canalizam e controlam esses impulsos. Assim sendo, a psicologia das massas revela como os indivíduos se comportam de maneira diferente quando estão em grupo.

Enfatizamos, por fim que "Totem e Tabu" (1913) e "A Psicologia das Massas e Análise do Eu" (1921) de estão intimamente relacionadas no modo

como abordam a formação e a dinâmica da cultura e da sociedade, embora façam isso sob perspectivas ligeiramente diferentes, se assemelham sob muitos aspectos, como visto no percurso deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio de. Políticas culturais e redes sociotécnicas: reconfigurando o espaço público. **Ciências Sociais Unisinos** 50(1):54-64, janeiro/abril 2014 .

FRAZER, James George. O escopo da antropologia social. In: CASTRO, Celso. **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Taylor e Frazer. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

FREUD, Sigmund. Proyecto de psicologia (1950[1895]). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. p. 323-446.

FREUD, Sigmund. La interpretación de los sueños (continuación) (1900). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. I. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. p. 345-611.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912/1914]. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. obras completas volume 6. Trad. Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das Letras: 2016.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Obras completas volume 15. Trad. Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011).

FREUD, Sigmund. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu, 1987.

FREUD, Sigmund. Formaciones sobre los dos principios del acontecer psíquico (1911). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. XII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. p. 217-231.

FREUD, Sigmund. Tótem y tabú: algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Vol. XIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. p. 1-162.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LAPLANCHE, J. **Masochismo e teoria da sedução generalizada**. Trad. Marcelo Marques. Jornal de Psicanálise, v.26, n.50, p.159-73, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2017.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. 8. ed. São Paulo: Blucher, 2019. 760 p.

MONZANI, Luiz Roberto. Totem e tabu: uma revisão. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 243-255, dez. 2011. Disponível em: <https://anpof.org/periodicos/revista-de-filosofia-aurora/leitura/508/22530>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SERGIPE, Universidade Federal de. O evolucionismo na antropologia. In: SERGIPE, Universidade Federal de. **Antropologia I**. Sergipe: Ufs, ?. p. 63-69. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11075516022012Antropologia_I_aula_8.pdf. Acesso em: 21 nov. 2023.

SMADJA, Eric. Freud e a cultura. **Ide**, São Paulo, v. 38, n. 61, p. 171-182, ago. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v38n61/v38n61a14.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SORIA, Ana Carolina Soliva. **Do indivíduo à cultura**: um estudo sobre freud. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. 143 p.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. O conceito de cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo, Boitempo, 2007.